



RELAÇÕES DE APEGO ENTRE IDOSOS E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Nicole Velho Vasques Soares

Caxias do Sul, 2021

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

RELAÇÕES DE APEGO ENTRE IDOSOS E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Trabalho apresentado como requisito parcial
para conclusão do Curso de Graduação em
Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra.
Tânia Maria Cemin.

Nicole Velho Vasques Soares

Caxias do Sul, 2021

Antes de ter amado um animal, parte da nossa alma permanece desacordada.

Anatole France

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
OBJETIVOS	10
Objetivo Geral	10
Objetivos específicos.....	10
REVISÃO DA LITERATURA	11
Caracterização da etapa do ciclo vital da velhice.....	11
Laços afetivos e relações de apego.....	14
Relacionamento entre humanos e animais de estimação.....	20
MÉTODO	25
Delineamento.....	25
Fontes	25
Instrumentos	26
Procedimentos	26
Referencial de análise.....	27
RESULTADOS	28
DISCUSSÃO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Primeira Categoria	28
Tabela 2. Segunda Categoria	29
Tabela 3. Terceira Categoria.....	31

RESUMO

A etapa vital da velhice é caracterizada por alterações físicas, psicológicas e sociais. Destaca-se a necessidade de manter ou estabelecer vínculos afetivos nesta faixa etária e a possibilidade de ocorrerem com animais, podendo proporcionar melhorias em termos de qualidade de vida e bem-estar. O objetivo geral do presente trabalho é identificar possíveis contribuições da teoria do apego sobre as relações entre idosos e animais de estimação. Os objetivos específicos são: caracterizar a etapa de vida da velhice, enquanto fase do desenvolvimento humano; apresentar aspectos fundamentais sobre a Teoria do Apego de Bowlby; e descrever questões relevantes acerca da relação entre humanos e animais de estimação. Para a construção do trabalho, foram utilizados estudos referentes ao desenvolvimento de idosos, à vinculação afetiva e relações de apego, e à relação entre humanos e animais de estimação, especialmente na velhice. Foram abordados autores clássicos como Helen Bee e John Bowlby, além de estudos recentes sobre as relações entre animais e humanos. Para possibilitar o alcance dos objetivos, foi realizada pesquisa qualitativa, de cunho descritivo, exploratório e interpretativo, tendo sido utilizada como referencial de análise a análise de conteúdo de Laville e Dionne. Foram, então, definidas três categorias de análise, buscando atender aos objetivos propostos: Primeira Categoria – Comportamento interpessoal evitativo; Segunda Categoria – Vinculação com o cão; e Terceira Categoria – Desenvolvimento de comportamentos de aproximação afetiva. Essas categorias emergiram da análise do artefato cinematográfico “*Melhor é Impossível*”, filme de 1997. Na discussão, foram entrelaçados aspectos relacionados ao apego e vínculo entre idosos e animais de estimação a partir do relacionamento desenvolvido entre um escritor sarcástico, mal-humorado e solitário e o cão de seu vizinho. Esse artefato aborda uma possibilidade de desenvolvimento de uma relação afetiva entre o idoso e o cão, ilustrando a possível vinculação de apego entre humanos e animais, sendo possível identificar a produção de benefícios e melhorias na qualidade de vida.

Palavras-chave: Idoso, Teoria do Apego, Animal de estimação.

INTRODUÇÃO

Considerando o envelhecimento da população humana e a estimativa de que até 2050 a população idosa triplique em números absolutos no Brasil (IBGE, 2016), é essencial que a psicologia volte seu olhar a este nicho populacional, com características, desejos, necessidades e interesses próprios. É importante conhecer teoricamente as singularidades desta faixa etária, podendo auxiliar e identificar sobre seus desejos e, especialmente, sobre como melhorar sua qualidade de vida. O interesse no presente tema foi sendo construído ao longo do curso de graduação em Psicologia, com uma evolução crescente de dedicação e estudo sobre o desenvolvimento humano. Inicialmente, a relação mãe-bebê e a primeira infância foram temas aprofundados na graduação, inclusive tendo sido cursada a disciplina eletiva “O Bebê e seu Mundo”.

Além deste importante tópico que aborda o início da vida psíquica, o estudo de todo o ciclo vital é fundamental quanto às suas diferentes características em cada momento. Destaca-se, também, as contribuições de John Bowlby enquanto relevantes para o conhecimento sobre o pleno desenvolvimento humano, priorizando as fundações psíquicas. Deste teórico, estudos relacionados aos laços afetivos e relações de apego são fundamentais para a compreensão das relações humanas. Soma-se a estes relevantes aspectos, o fato de que, atualmente, mais de 39 milhões de domicílios brasileiros têm um cachorro ou gato de estimação, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020). É inegável, assim, a importância de se estudar a relação do ser humano com seus animais domésticos.

Unindo, então, estas três áreas de interesse: idosos, relações de apego e animais de estimação, a vivências particulares, questiona-se sobre o desenvolvimento de laços de apego entre idosos e seus animais de estimação. Mais especificamente, há um interesse em investigar mais sobre quais e como são as relações de apego construídas com animais de estimação na velhice.

Partindo do objetivo de identificar as relações de apego estabelecidas entre idosos e animais de estimação, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em sites de pesquisa, tais como SciELO e PePSIC sobre o tema. Dentre a literatura brasileira existente, destacam-se dois artigos dos anos de 2009 e 2012, abordando, respectivamente, os benefícios terapêuticos e representações sociais do relacionamento entre idosos e animais de estimação. É relevante, assim, o estudo das relações de apego, pois essa relação baseada no vínculo é subjacente e necessária para a melhor compreensão de ambos os conceitos (Costa, Jorge, Saraiva & Coutinho, 2009; Pacheco-Ferreira, 2012).

É notório que a etapa da velhice envolve diversas alterações físicas, sensoriais, cognitivas e emocionais, sendo este um período em que há, ao mesmo tempo, maior vulnerabilidade, mas também um acúmulo de sabedoria e serenidade (Silveira & Portuguez, 2019). Para que o envelhecimento seja saudável, é necessário que haja bem-estar psicológico, biológico, espiritual e social. Especialmente sobre o âmbito psicológico, a percepção de saúde está atrelada à percepção de otimismo e felicidade. Já no quesito social, os idosos privilegiam as relações sociais com família e amigos (Tavares et al., 2017).

Bowlby (1997) define os laços afetivos como fundamentais para o pleno desenvolvimento do bebê. Para o teórico, esta ligação afetiva é o que possibilita a formação de vínculos pelos seres humanos com outro indivíduo diferenciado e preferido. Apesar de ter iniciado seus estudos a partir da relação do bebê com o seu meio, o autor afirma que esse comportamento de ligação é parte dos indivíduos desde o início da vida até a morte. Uma importante variação dessa vinculação, verificada por Bowlby, foi o conceito de apego, por meio do qual o bebê se comporta de forma a receber segurança e proteção de uma figura mais forte (Neder, Ferreira & Amorim, 2020).

O apego afetivo resulta em uma vinculação emocional duradoura e os padrões desenvolvidos na infância tendem a afetar as percepções individuais, gerando um modelo de funcionamento que perdura até a vida adulta, impactando fortemente nos relacionamentos então estabelecidos. Destaca-se que essa vinculação não ocorre apenas baseada na busca por segurança física, mas engloba necessidades de identificação e reconhecimento (Teixeira & Tavares, 2020).

Quanto à vivência afetiva na fase do ciclo vital da velhice, pode ser caracterizada como dinâmica e com a sensibilidade mantida. Entretanto, ansiedade, retraimento e fechamento em si são queixas frequentes. Nesta faixa etária, é fundamental a qualidade das interações afetivas para manutenção do equilíbrio emocional, inclusive como fator redutor de ansiedade (Oliveira, Pasian & Jacquemin, 2001). Apesar de alguns idosos considerarem a velhice a melhor etapa da vida, grande parte demonstra sofrimento psíquico em função da solidão, de mudanças físicas e da sensação de inutilidade (Cavalcanti et al., 2016).

Os animais de estimação convivem com os seres humanos desde a pré-história em funções como de segurança, transporte e caça. Atualmente, eles são usados, também, como recurso terapêutico e auxiliam na melhoria da qualidade de vida, redução da solidão e melhoria de condições físicas e psicológicas, contribuindo para a autorregulação das pessoas com quem convivem (Giumelli & Santos, 2016). A relação entre os humanos e os animais de estimação é marcada por cooperação entre as espécies, com implicações afetivas e

instrumentais, havendo aproximação – em função das características de apego – da relação existente entre pais e filhos (Cabral & Savalli, 2020).

Ao se observarem as características demográficas, que ressaltam a importância do estudo sobre a velhice e, especificamente suas necessidades afetivas, destaca-se a necessidade afetiva dos idosos, especialmente derivada da solidão e de condições físicas relacionadas à etapa de vida. Os animais de estimação, quando convivendo com pessoas vivenciando esta etapa vital, podem oferecer maior qualidade de vida, na medida em que a vinculação afetiva alcançada pode aumentar o bem-estar físico, cognitivo e psicológico dos idosos (Heiden & Santos, 2012). É necessário ainda estudar mais profundamente essa vinculação, a formação desses laços, as relações de apego e os impactos de tal relação para a qualidade de vida dos idosos convivendo com animais de estimação.

No âmbito social, esta pesquisa é relevante, pois contribuirá para melhor compreensão das relações de apego entre os idosos e seus animais de estimação, o que poderá criar insumos para futuras pesquisas sobre o tema. Esse assunto tende a ser ainda mais importante com o passar do tempo, em função do aumento da população idosa nos próximos anos e das necessidades específicas desse grupo social, especialmente no que diz respeito ao seu bem-estar, diminuição do sentimento de solidão e aumento da qualidade de vida.

Diante do exposto, as ideias desenvolvidas ao longo do presente estudo têm o intuito de responder o seguinte problema de pesquisa: quais as possíveis contribuições da teoria do apego sobre as relações entre idosos e animais de estimação?

OBJETIVOS

Objetivo geral

Identificar possíveis contribuições da teoria do apego sobre as relações entre idosos e animais de estimação.

Objetivos específicos

Caracterizar a etapa de vida da velhice, enquanto fase do desenvolvimento humano.

Apresentar aspectos fundamentais sobre a Teoria do Apego de Bowlby.

Descrever questões relevantes acerca da relação entre humanos e animais de estimação.

REVISÃO DE LITERATURA

Neste trabalho, serão abordados alguns temas relevantes para a reflexão sobre possíveis relações de apego existentes entre os idosos e seus animais de estimação. Inicialmente, será descrita e caracterizada a etapa do ciclo vital da velhice; então, será realizada uma abordagem teórica sobre os laços afetivos e relações de apego; enfim, serão apresentadas algumas características específicas das relações entre idosos e animais de estimação.

Caracterização da etapa do ciclo vital da velhice

A etapa do ciclo vital da velhice, também nomeada como vida adulta tardia, ou ainda terceira idade, é multifacetada. Não se pode considerar os idosos como pessoas desamparadas ou senis, até porque, em diversos casos, são pessoas sábias, equilibradas e respeitadas. O termo que diz respeito ao preconceito baseado na idade, considerando os idosos decrépitos, é idadismo (Papalia & Feldman, 2013).

O idadismo está bastante disseminado culturalmente e inserido no discurso contemporâneo de antienvelhecimento e de combate ao corpo envelhecido. Tal preconceito gera sentimento de rejeição aos idosos, inclusive avivando fantasias com relação à morte. Ele gera comportamentos de desprezo, negligência, maus tratos e violência (Castro, 2016).

A população idosa pode ser dividida em três faixas etárias: o idoso jovem (65 a 74 anos), idoso idoso (entre 75 e 84) e idoso velho (mais de 85 anos). Entretanto, ao se utilizar tal terminologia, é necessário que seja avaliada a vida do sujeito, as condições físicas e psicológicas do indivíduo e não apenas a sua idade cronológica (Papalia & Feldman, 2013). Outra forma de separação por idade é entre idoso jovem, que possui entre 60 e 79 anos, e idoso longo, o que possui mais de 80 anos (Navarro et al., 2015).

É importante o argumento de que a velhice não pode ser considerada apenas em função da idade cronológica, mas que os critérios biológicos, sociais e psicológicos também deveriam ser avaliados. A idade biológica se refere às mudanças corporais e mentais derivadas do envelhecimento (perda de audição, diminuição do encéfalo, alterações da pele e da visão, etc.). A idade social é caracterizada enquanto o papel esperado que o indivíduo desempenhe em cada etapa de sua vida, relacionando-se, na velhice, estreitamente à aposentadoria. Por fim, a idade psicológica diz respeito às habilidades de adequação às exigências do meio e à relação entre a idade cronológica e capacidades psicológicas do sujeito (Schneider & Irigaray, 2008).

Nos países em desenvolvimento, a fase idosa se inicia aos 60 anos, enquanto nos desenvolvidos esse marco se dá aos 65 anos. A expectativa brasileira é que se chegue ao ano de 2050 com cerca de 30% da população acima de 60 anos, contrastando com os 8% existentes no ano de 2000. Assim, há um evidente e progressivo envelhecimento populacional (Gomes, Vagetti & Oliveira, 2017).

Dentre os relacionamentos na vida adulta tardia, são notadamente importantes os: com o parceiro, com os filhos e outros parentes, e com os amigos. Com o parceiro, tende a haver diminuição do romantismo, mas aumento do comprometimento e satisfação. Já o relacionamento com os filhos não necessariamente aumenta o bem-estar dos idosos, por melhor que seja este contato. O relacionamento com outros parentes pode ser estreitado nesta faixa etária, entretanto a única relação entre os parentes que efetivamente aumenta a sensação de bem-estar é a desenvolvida entre irmãs. E os amigos desempenham um importante papel, particularmente por conhecerem a história e partilharem lembranças, gerando um clima de reciprocidade e não-estresse (Bee, 1997).

Socialmente, a etapa da velhice costuma se caracterizar por algumas perdas, como de entes queridos (em geral, os pais), do relacionamento com os filhos e da aposentadoria, especialmente perdas quanto ao sentimento de importância e contatos sociais. Essas perdas tendem a gerar sentimentos de carência afetiva (Gomes et al., 2017).

Especificamente quanto à aposentadoria, é um marco relevante para os idosos. Ela passou a existir no final do século XIX para assegurar o sustento dos últimos anos de vida dos trabalhadores, sendo modificada ao longo dos anos, principalmente a partir dos movimentos sindicais e dos indicadores de aumento de expectativa de vida. Dessa forma, ela passou a representar um período da vida em que há liberdade para se aproveitar o tempo sem compromisso laboral (Fontoura, Doll & Oliveira, 2015).

Assim, a aposentadoria, nos últimos anos, diz respeito tanto aos direitos legalmente constituídos do trabalhador, como os previdenciários, quanto ao rompimento concreto com o mercado de trabalho, podendo ambos coincidirem ou ocorrerem em momentos diversos. Este desligamento do mundo do trabalho afeta a autoimagem, as relações sociais e a organização do tempo, resultando em uma readaptação completa para um novo estilo de vida, especialmente considerando que a aposentadoria ocorre em média aos 62 anos e a expectativa de vida pode ser de vinte ou trinta anos além disso. Dessa forma, dependendo do arcabouço subjetivo, ou seja, do relacionamento com o trabalho e com a vida fora dele, a aposentadoria pode ser vivenciada como férias, ou como uma sentença de que não se conseguiu fugir ou uma nova adolescência, repleta de medos e expectativa, ou ainda, como um recomeçar (Fontoura et al., 2015).

É apontado como incômodo, pelos idosos, a visão de aposentado enquanto uma pessoa dispensável. Sentem-se marginalizados e desconfortáveis, propiciando, inclusive, que não consigam aproveitar o tempo livre, por sentirem vergonha de não estarem sendo produtivos. Há receio, ainda, de decréscimo na qualidade de vida e de insegurança financeira, tanto por perdas da aposentadoria quanto por receio de não conseguirem se manter empregados após o marco legal da aposentadoria (Duarte & Melo-Silva, 2009).

Quanto à qualidade de vida, alguns estudos identificam informações importantes a partir da adaptação do instrumento WHOQOL-OLD, derivado do *World Health Organization Quality of Life – WHOQOL*, desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde para avaliação. O WHOQOL-OLD analisa seis facetas: funcionamento do sensorio (FS), autonomia (AUT), atividades passadas, presentes e futuras (PPF), participação social (PSO), morte e morrer (MEM), e intimidade (INT). Pesquisadores realizaram uma avaliação em 30 idosas residentes do ambiente urbano e rural no interior do Ceará por intermédio do WHOQOL-OLD. Foi observado que 46% das idosas residentes na área urbana e 40% na área rural apresentavam qualidade de vida suficiente ou acima de suficiente (Alencar, Aragão, Ferreira & Dantas, 2010).

Já Clementino e Goulart (2019) utilizaram o WHOQOL-OLD para avaliar a relação entre a imagem corporal e o estado nutricional com a qualidade de vida em 103 idosos com mais de 80 anos no estado de São Paulo. As autoras identificaram que a avaliação da percepção de qualidade de vida não é afetada pela distorção de imagem corporal, mas que os idosos acima do peso apresentam melhor percepção de qualidade de vida, possivelmente por se sentirem adaptados ao corpo envelhecido.

O processo de envelhecimento, considerando o ser humano por completo, para ser analisado em relação à saúde, deve avaliar fatores objetivos, tais como morbidade, independência e mortalidade, e aspectos subjetivos, destacando-se satisfação, afetos e disposição de espírito. Além disso, a saúde pode ser avaliada em uma perspectiva biomédica ou psicossocial. O critério biomédico envolve risco e deficiências relacionadas a doenças, atividade mental e física e envolvimento na vida cotidiana. Já o prisma psicossocial diz respeito ao bem-estar emocional, que pode ser sociológica ou psicologicamente caracterizado. Sociologicamente, refere-se à satisfação com a vida e ao equilíbrio entre afetos positivos e negativos, tendendo a aumentar na velhice. Psicologicamente, significa a busca da excelência pessoal, possibilitando a sensação de integração e adaptação (Mantovani, Lucca & Neri, 2016).

Em estudo realizado em Campinas – SP e Belém – PA, foi pesquisado o significado de ser feliz na velhice e de velhice saudável, respectivamente. Em ambas as cidades a

resposta mais citada foi “saúde”. Os participantes se declararam satisfeitos com as relações familiares e de amizade e capacidade de resolver problemas do dia a dia. Os entrevistados declararam não se isolar, mas constituir redes sociais ativas, destacadamente em ambientes religiosos. Apesar de ser reconhecido, o tema recursos materiais não foi destacado pelos respondentes como fundamental. As mulheres apresentaram mais queixas em relação à memória do que os homens. Um valor alto foi atribuído pelos respondentes à independência, bem como à categoria satisfação e prazer. Destaca-se, então, a importância das variáveis psicológicas para a auto atribuição de bem-estar na velhice (Mantovani et al., 2016).

Um estudo qualitativo sobre representações sociais concluiu que os idosos tendem a compreender a complexidade do envelhecimento e a necessidade de vivê-lo com qualidade. Quanto à concepção de envelhecer para os idosos, esta pressupõe sentimentos positivos de satisfação, aceitação, alegria e realização; sentimentos negativos de improdutividade, dependência, isolamento e desvalorização social; transformação física, aceita com tranquilidade; e perspectivas – positivas – para o futuro. Sobre a concepção do envelhecer sem saúde, há sentimentos negativos de mau-humor, solidão e estresse; necessidades socioeconômicas de lazer, educação, alimentação, dentre outros; necessidade afetiva, especialmente em função da falta de paciência dos mais jovens; e falta de integridade física. Já na concepção do envelhecer com saúde, foram destacados o autocuidado, compreendendo atividades recreativas e de lazer; sentimentos positivos de alegria, bom-humor, harmonia, amor, independência e autocontrole; religiosidade; necessidade socioeconômica; e mudança de hábito, abandonando vícios (Vilela, Carvalho & Araújo, 2006).

Erik Erikson teorizou sobre as fases da vida durante o desenvolvimento humano. De acordo com a sua teoria, os idosos – a partir de 60 anos – vivenciam a crise “Integridade versus Desespero”. Integridade se refere à aceitação da própria vida, com suas limitações e realidade, significando que não há outra possibilidade de existência. Desespero diz respeito a uma sensação de que não haverá tempo para trilhar um caminho diferente que leve à integridade. A resolução dessa crise gera um sentimento de ter vivido satisfatoriamente (Silva & Finocchio, 2011).

Laços afetivos e relações de apego

O termo afeto possui uma ampla gama de significados, evoluindo ao longo do tempo, mas destacadamente o afeto pressupõe sentimentos de pertencimento e filiação. (Menezes, 2007). Filosoficamente, o afeto diz respeito a emoções positivas com relação a pessoas, sem necessariamente ser dominado pela paixão. Afeto e paixão são, nessa seara, sentimentos unicamente humanos e derivados das relações interpessoais. Tão importante é o tema que os

filósofos consideram inclusive a própria razão um afeto: o sentimento de liberdade. Em última instância, o afeto “seria o filão da possível felicidade humana” (Corrêa, 2005, p. 63).

Na perspectiva psicanalítica, o afeto ainda não possui uma única definição. É notório que, apesar de todo ser humano nascer em um ambiente social e receber cuidados em relação a seu corpo, “o afeto contém algo que ultrapassa a regularidade do regime biocultural do cuidado” (Menezes, 2007, p. 244, grifo do autor). Isso significa que o afeto está necessariamente relacionado a sensações que provocam atividades desse corpo. Se há afeto, há sensação, significado e continuidade. Segundo o mesmo autor, a experiência afetiva é realizada a partir de elementos simbólicos e ocorre quando não há palavras, ainda, que possam ser organizadas pela linguagem. De tal forma, o afeto se atravessa pela representação, quando provocado por uma cena, permeada ou não pela linguagem.

As dinâmicas afetivas podem ser consideradas propulsoras das reflexões, porque quando o sujeito é impossibilitado em algum desejo, é gerado um afeto que terá ou um destino pulsional (quando o desejo se referir a um comportamento) ou uma lógica reflexiva (quando se referir a um discurso). Desse modo, são criadas representações do conteúdo recalçado ou a ausência do objeto será sublimada. O recalque e a sublimação são, assim, dinâmicas afetivas equivalentes à reflexão para a linguagem (Tousseul, 2012).

Para que haja a formação de um sintoma neurótico, duas são as possibilidades de descarga do quantum de afeto: que a descarga esteja suspensa e o afeto se ligue a uma representação diferente da original (aumentando a intensidade nessa nova representação), ou que a descarga se desloque para o corpo, somatizando. A ab-reação possibilita a descarga por meio de palavras, redirecionando o quantum de afeto para a representação original, a fim de que possa ser eliminado o excesso de forma a estabilizar e trazer uma sensação de satisfação (Winograd & Teixeira, 2011). Ao analisar o afeto e a linguagem para Freud, Schneider (1994) destaca que para ser possível evocar uma representação sem sofrimento, seria necessária a liquidação ou eliminação de aspectos desgastantes do afeto pelo sujeito. Neste pensar, o quantum de afeto é fundamental para definição de patologia em relação a memórias, sendo a cura realizada pela fala na percepção psicanalítica. Então, a linguagem e a representação possibilitam a existência não amortecida pelo afeto incapacitante, podendo ser simbolizada.

Entretanto, além de ser algo do que se curar, o afeto também é parte fundamental do processo de cura, quando se estabelecem os aspectos recompensadores desse. Enquanto favorecedor de adoecimento, o afeto é uma perturbação a ser reduzida para retorno do aparelho psíquico ao equilíbrio, sendo indispensável a eliminação dos aspectos desfavoráveis à vida, para que a agressão do trauma cesse. Já como elemento de cura, a

linguagem proporciona a ab-reação ou a associação – em ambos os casos, é preciso que o afeto seja trabalhado (por meio da linguagem) para que se torne uma expressão terapêutica do trauma, não mais a ferida em si (Schneider, 1994).

O afeto, para Freud, seria, então, um conceito atrelado às noções de pulsão (de vida e de morte) e angústia, sendo um estado emocional que permeia todas as etapas do ciclo vital do sujeito e que é inerente a todos os sentimentos bons ou ruins, manifestando-se “de forma violenta, física ou psíquica, de modo imediato ou adiado” (Corrêa, 2005, p. 63).

Laplanche e Pontalis (2004, p. 09) caracterizam afeto como “qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral.” Os autores destacam que Freud indicou três possibilidades de variações do afeto: conversão (histeria), deslocamento (obsessões), e transformação (neurose de angústia, melancolia). Além dessa breve caracterização acerca do afeto, segue-se abordando aspectos fundamentais da teoria do apego para traçar possíveis relações posteriormente.

Bowlby (1997) desenvolveu a teoria de ligação para compreender a predisposição humana para a formação de vínculos com outros e os sentimentos que a perda ou separação involuntária desses outros pode gerar. A base desta teoria é o comportamento de ligação, que se caracteriza como aproximação a outro indivíduo “diferenciado e preferido, o qual é usualmente considerado mais forte e (ou) mais sábio” (Bowlby, 1997, p. 171). Apesar de ser notável na infância, o comportamento permeia toda a vida do sujeito.

O comportamento de ligação possui características particulares, como: especificidade para um ou alguns indivíduos particulares; duração por grande parte do ciclo vital; envolvimento emocional; ontogenia, sendo especialmente importante nos primeiros nove meses de vida; aprendizagem, especialmente com relação à diferenciação familiar-estranho; organização que possibilita modelos representacionais do eu e do mundo; função biológica de sobrevivência e proteção (Bowlby, 1997).

Um dos conceitos fundamentais da teoria é a ansiedade de separação, que é o medo de se separar da figura de ligação. A resposta a essa ansiedade tende a ser evitação ou fuga, mais notadamente, evitando o isolamento e procurando a companhia desejada. Destaca-se que esse é um sentimento normal e esperado, principalmente no primeiro ano de vida de um bebê (Bowlby, 1997).

Ainda sobre a teoria de ligação, é esperado que haja relação entre as experiências infantis com os pais e a capacidade de construção de vínculos afetivos na vida adulta. São especialmente importantes o grau em que os pais oferecem uma base segura e o quanto

estimulam a exploração da criança a partir de tal base. A maior causa de ansiedade na criança é, assim, a incerteza sobre a disponibilidade dos pais (Bowlby, 1997).

Importante para o desenvolvimento dos estudos sobre apego foram os experimentos de *Harlow* com macacos *Rhesus*, em que filhotes de macaco eram colocados junto de estátuas de arame e de tecido macio com mamadeiras. Independentemente de haver o alimento, os macacos preferiam ficar mais tempo próximos da coberta por um tecido macio. A partir daí, verificou-se que o contato é mais importante do que a alimentação para o estabelecimento do apego (Fernandes & Peixoto Junior, 2021).

Em estudo recente, realizado entre fevereiro de 2002 e abril de 2004, no Parque Ecológico do Tietê, na cidade de São Paulo, foi observada a relação entre macacos-prego na natureza, sendo constatada pelos pesquisadores a existência de comportamentos de apego entre mães e bebês que se sobrepõem às necessidades físicas de sobrevivência. Dentre os comportamentos observados, destaca-se a ocorrência de desmame tardio, ou seja, manutenção da amamentação dos bebês por um bom tempo após o desenvolvimento das capacidades de se alimentar e locomover sozinhos, com a possível finalidade de prolongamento do vínculo de dependência, baseada notoriamente em função das necessidades afetivas – e não físicas – dos filhotes (Verderane & Izar, 2019).

Para Bowlby, o vínculo primário com a figura materna é realizado por intermédio do apego e a criança, ao ser separada da mãe reage a partir de três fases, a saber: protesto, com choro e expressões físicas de desconforto, com busca pela figura materna; desesperança, em que o bebê não acredita mais no retorno materno; e retraimento, quando ocorre o desapego e que pode levar a um desinteresse preocupante (Zimerman, 1999).

Com base na teorização proposta por Bowlby, Mary Ainsworth e colaboradores pesquisaram diferentes padrões de apego. Ainsworth realizou a experiência denominada “situação estranha”, em que a criança, em ambiente de laboratório, reunia-se nesta sequência com: a mãe; a mãe e um estranho; apenas o estranho; apenas a mãe; sozinha; apenas com o estranho; e com a mãe. Com base nos comportamentos observados, a segurança do apego com a mãe foi avaliada e classificada da seguinte forma: 70% dos participantes apresentaram apego seguro; 20%, apego ansioso e esquivo; 10%, apego ansioso e ambivalente. O desenvolvimento do tipo de apego depende fundamentalmente da sensibilidade da mãe às demandas do filho e da possibilidade de que a mãe seja uma base segura para a criança (que possibilita que ela experimente o mundo, mas tenha um local seguro ao qual retorna quando se sente ameaçada) (Brum & Schermann, 2004).

Estudos posteriores realizados com as crianças participantes do estudo de Mary Ainsworth demonstraram que, nove meses após a experiência, os bebês seguros eram mais

cooperativos com a mãe e com outras pessoas. Além disso, interagiam melhor com adultos e demonstravam preocupação ao ver um adulto aflito. No ambiente escolar, as crianças com padrão de apego seguro apresentaram melhor desenvolvimento social, curiosidade e empatia. Entretanto, há que se destacar que, nos primeiros anos de vida, o desenvolvimento de um padrão de apego depende muito fortemente do cuidador, sendo internalizado o modelo de apego com o passar dos anos (Bowlby, 1990).

O apego seguro pode ser caracterizado como aquele em que o cuidador funciona com base segura para a criança, favorecendo sua exploração do ambiente com mais motivação. Ao se afastarem do cuidador, crianças com apego seguro sentem incômodo, mas esse não é exagerado. Há cooperação, monitoração e favorecimento da independência. O apego evitativo ocorre quando a criança interage pouco com os cuidadores, também não se inibe diante de estranhos e não procuram os cuidadores para conforto e apoio. Em geral, decorre de experiências de rejeição anteriores. Já o apego ambivalente é quando a criança se apresenta imatura e pouco interessada no ambiente, preocupada excessivamente com o cuidador. Essas crianças ficam muito incomodadas ao se afastar do cuidador e, quando eles regressam, apresentam desejo de contato e raiva. Possivelmente, em experiências prévias houve comportamento ambivalente: responsivo por vezes, rejeitador em outras (Dalbem & Dell’Aglia, 2005).

É importante, para compreensão do estabelecimento do apego, que sejam analisados os aspectos internos da criança e os aspectos do ambiente. Tanto questões físicas como psicológicas e emocionais da criança, como o meio em que a relação afetiva ocorre, são desencadeadores de comportamentos aprendidos a partir das representações mentais das figuras de apego, de si próprio e do ambiente em experiências anteriores (Dalbem & Dell’Aglia 2005).

Cabe diferenciar os comportamentos de apego, do apego propriamente dito. O apego duradouro ocorre com poucas pessoas, já os comportamentos de apego existem em mais numerosa quantidade. Esses comportamentos dependem fortemente da representação mental do self e da linguagem, que possibilitam a assimilação das experiências e balizam o comportamento futuro. A representação decorre das primeiras experiências de apego – de fato – a que o bebê é submetido nos primeiros anos de vida. E quando o apego ocorre ele é perceptível justamente por meio dos comportamentos de apego. Essa ótica representacional do apego avalia a segurança ou insegurança do apego com base em modelos internos dos relacionamentos, que “direcionam, além dos sentimentos e comportamentos, a atenção, a memória e a cognição” (Ramires & Schneider, 2010, p. 27).

É relevante destacar que o padrão relacional desenvolvido com as figuras de apego na infância perdura e se repete nas demais relações estabelecidas ao longo do ciclo vital. O sistema de apego permanece ativo ao longo da vida, entretanto pode ser modificado a partir de novas e diferentes relações, que podem alterar a visão sobre si e sobre o outro, inclusive a estrutura representacional desenvolvida. Desta forma, pessoas que desenvolveram na infância um padrão inseguro de apego podem, em função de novas experiências de relacionamentos ou por meio de psicoterapia, desenvolver e manter laços de apego seguros em seus relacionamentos (Consoli, Bernardes & Marin, 2018).

Diante do exposto, ressalta-se a importância das representações internas, inclusive enquanto reguladora de emoções e construtor de significados. Assim, o apego será classificado como seguro ou inseguro a partir das representações internas e seus aspectos afetivos e cognitivos. A experiência inicial de apego com os cuidadores auxiliará o adulto a significar sua vida emocional e, quando não realizada de forma adequada, na infância, ainda assim poderá ser reorganizada, como por exemplo em psicoterapia (Ramires & Schneider, 2010).

Ao se analisar os vínculos na contemporaneidade, é destacado o papel do consumo enquanto elemento substitutivo na busca pela felicidade, tanto pelo materialismo quanto pelo ato de comprar, pois, assim, o sujeito experimenta domínio e controle que podem gerar certo grau de contentamento. De forma similar, o amor romântico pode ser apenas um corpo a ser consumido e depois destruído, servindo apenas à finalidade da satisfação imediata (Casadore & Hashimoto, 2012).

Assim, o fator gerador de ansiedade na contemporaneidade é justamente a liberdade, porque com as novas possibilidades de escolha, há novas responsabilidades. Ademais, não há ideais a serem seguidos nem receitas de sucesso. O peso das suas escolhas recai apenas sobre o próprio indivíduo (Casadore & Hashimoto, 2012).

Especificamente na velhice, uma pesquisa sobre a percepção afetiva foi realizada na cidade de Ribeirão Preto e constatou, como aspectos relevantes, a idealização saudosista das fases de vida anteriores; a positividade sobre as vivências atuais; a vivacidade afetiva e sensibilidade; maior rigidez de defesas e inacessibilidade de contato; e a instabilidade emocional derivada do controle parcial da afetividade. É fundamental para os idosos a qualidade de interação socioafetiva para que haja redução da ansiedade e da sensação de isolamento, aumentando a gratificação emocional (Oliveira et al. 2001).

Um estudo realizado na cidade de Passo Fundo identificou, como resultados importantes na forma como estão vivenciando essa fase, a visão positiva dos idosos acerca do envelhecimento, especialmente quanto à convivência com a família e com os grupos,

neste caso para aplacar o sentimento de falta dos filhos. Apesar de experienciarem medo de solidão, insegurança ou fragilidade, os idosos apresentaram uma expectativa de um envelhecer feliz. Ressalta-se a importância da família e seu papel de cuidar e compreender o idoso, mas que gera sentimentos de vergonha quando não possibilita autonomia para que o idoso tome decisões (Colussi, Kuyawa, De Marchi & Pichler, 2019). Segue-se uma breve apresentação sobre os animais de estimação e os relacionamentos com as pessoas.

Relacionamento entre humanos e animais de estimação

Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – e divulgada no ano de 2020 apontou que em 2019, 46,1% dos domicílios brasileiros, totalizando aproximadamente 33,8 milhões de residências, contavam com pelo menos um cachorro de estimação. Já 19,3% dos domicílios possuíam pelo menos um gato doméstico, equivalendo a 14,1 milhões de domicílios.

Dados da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação – Abinpet – apontam que o Brasil possui a segunda maior população de cães, gatos e aves canoras e ornamentais do mundo, sendo o terceiro país com mais animais de estimação. “São 54,2 milhões de cães, 23,9 milhões de gatos, 19,1 milhões de peixes, 39,8 milhões de aves e mais 2,3 milhões de outros animais.” (Abinpet, 2020). Totalizando 139,3 milhões de animais de estimação, o mercado *pet* foi responsável, em 2018, por 0,36% do PIB do país.

Historicamente, a domesticação dos animais pelos homens iniciou por uma relação de parceria: enquanto o animal auxiliava na caça, segurança e transporte, o humano o alimentava e fornecia segurança contra predadores. Esse relacionamento foi evoluindo, tornando-se o animal uma companhia similar a de um amigo ou membro da família. Os benefícios dessa convivência foram percebidos e a partir da década de 1950, os animais passaram a ser utilizados como auxiliares em processos terapêuticos, físicos ou psicológicos. Notadamente, são recursos terapêuticos relacionados à Terapia Assistida por Animais e à Atividade Assistida por Animais (Giumelli & Santos, 2016).

O processo de domesticação dos cães iniciou há mais de quinze mil anos e esse foi o primeiro animal a ser domesticado. O relacionamento entre humanos e cães é repleto de interação que transcende a instrumentalidade, gerando vínculo de apego e de auxílio cooperativo. Destaca-se que esse vínculo afetivo possivelmente teve início logo no princípio da domesticação, em função de estudos arqueológicos já realizados (Cabral & Savalli, 2020).

Essa interação humano-cão gerou impactos nos caninos, que aprenderam (por meio de adaptação) a reconhecer as expressões emocionais dos humanos, sabendo como agir de acordo com o estado da pessoa com quem convive. Os cães reconhecem a emoção humana

por meio de elementos visuais e auditivos. Os cães domésticos reconhecem a emoção como afeto positivo ou negativo, independentemente de terem sido treinados para tanto (Albuquerque et al., 2016).

Além do reconhecimento das emoções dos humanos, os cães conseguem perceber as atitudes de outros humanos com os seus tutores. Em experimento, uma pessoa ajudava e outra recusava auxiliar o tutor a abrir um pote. No mesmo cômodo ficava uma pessoa neutra. Ao final da encenação, era oferecido petisco ao cão pela pessoa neutra e pela que auxiliou ou recusou auxílio. O cão aceitava indiferentemente quando oferecido pela pessoa neutra ou que auxiliava, mas tendia a não aceitar o petisco da pessoa que se recusou a auxiliar o seu tutor (Chijiwa, Kuroshima, Hori, Anderson & Fujita, 2015).

Outro estudo realizado avaliou o *eye gaze* e o *eye tracking* dos cães com os humanos. *Eye gaze* refere-se ao olhar nos olhos e *eye tracking* a olhar para a mesma direção que o outro está olhando, sem que haja um movimento de cabeça, apenas dos globos oculares. Esse é considerado um fator fundamental da cognição social entre humanos. Os cães domésticos desenvolveram essa habilidade após tantos anos de convivência com os humanos. A referida pesquisa, então, constatou que os cães seguem o olhar humano a longa distância, independentemente da idade canina (os participantes foram 145 cães *border collies* entre 6 meses e 14 anos de idade) e de treinamento anterior (Wallis et al., 2015).

Uma pesquisa realizada, objetivando verificar a preferência de foco do olhar canino, identificou resultados de que os cães olharam por mais tempo para as criaturas vivas do que para o fundo das imagens; para as cabeças por mais tempo do que para os corpos; e para os corpos mais do que para os cenários. Essa descoberta foi interpretada como demonstrativa da importância conferida à região da cabeça e face para que os cães obtenham informações sociais, especialmente para os cães que moravam em residências, não em canis, reforçando a importância do contexto e do aprendizado (Törnqvist, Somppi, Kujala & Vainio, 2020).

Em outro estudo, os pesquisadores constataram que os cães – quando no grupo de controle, sem tratamento prévio – apresentaram preferência pela região dos olhos dos humanos, independentemente da expressão emocional. Entretanto, quando realizado pré-tratamento com ocitocina, apenas as expressões de raiva foram preferíveis a outras regiões, possivelmente em função do papel do olhar no olho quando há agressividade – hipótese corroborada pelo fato de que os rostos apresentados não eram familiares aos cães. Neste caso, apesar de seu efeito calmante, a ocitocina não foi capaz de excluir dos cães a sua atenção vigilante para estranhos com olhar de raiva (Kis, Hernádi, Miklósi, Kanizsár & Topál, 2017).

Os cães domésticos são frequentemente considerados como amigos, irmãos ou filhos. Assim, os seus tutores tendem a atribuir a seus cães subjetivações típicas da existência psíquica humana, tais como: sentimentos, pensamentos e motivações. Dessa forma, os cães podem utilizar roupinhas, ganhar festas e regalias e frequentar espaços da casa anteriormente destinados apenas a pessoas (Cabral & Savalli, 2020).

Os animais de estimação podem ser, por vezes, substitutos das crianças nas famílias, e respondem a expectativas afetivas diversas e profundas. Diante disso, os motivos para que haja animais de estimação nas famílias são diversos, indo desde a segurança até necessidades vinculativas, emocionais e de companhia (Vieira, 2019).

O conceito de vínculo, como anteriormente mencionado, foi inicialmente desenvolvido para significar a relação entre uma criança e seus pais, notadamente a figura materna, sendo a criança considerada dependente e os pais mais fortes e inteligentes. Entretanto, ao longo do ciclo vital, o sujeito continuamente vincula-se a outras figuras, como, por exemplo, ao parceiro romântico e a grupos. Os animais de estimação também podem ser figuras vinculáveis, ou seja, laços afetivos podem ser formados entre os humanos e os animais de estimação. Isso é possível porque o relacionamento entre humanos e animais de estimação se enquadram nos quatro pré-requisitos vinculativos: busca de proximidade, porto seguro, base seguro e angústia de separação (Zilcha-Mano, Mikulincer & Shaver, 2011).

Os tutores de animais de estimação sentem-se próximos a eles, buscando e se regozijando com essa proximidade. Enquanto porto seguro, os animais oferecem afeto, consolo, alívio e conforto. Além disso, a morte do animal de estimação gera sofrimento intenso e luto (Zilcha-Mano et al., 2011). A morte e o luto geram, nos tutores, angústia de separação e sentimentos de pesar, causando ainda mais sofrimento por não haver reconhecimento social dessa perda como um luto real, não havendo apoio para que vivenciem o luto (Vieira, 2019).

Em uma série de estudos realizados a fim de reconhecer o vínculo afetivo humano – animal de estimação como tal, duas dimensões básicas foram consideradas: apego ansioso e apego evitativo. O ansioso se refere a medos de que algo ruim ocorra com o animal e que a pessoa fique sozinha, necessitando estar próxima ao animal. O evitativo diz respeito ao desconforto com a proximidade física e emocional com os animais, evitando intimidade. Tais achados derivaram de um questionário desenvolvido pelos pesquisadores e que constatou que os diferentes apegos encontrados apenas dizem respeito às expectativas do humano com relação ao animal de estimação e à reação emocional à morte do animal (Zilcha-Mano et al., 2011).

Marsa-Sambola e colaboradores (2015) desenvolveram o *Short Attachment to Pets Scale (SAPS) for Children and Young People*, um instrumento para avaliar o apego aos animais de estimação de crianças e adolescentes. Na avaliação realizada, o instrumento foi considerado apto e coerente em termos de confiança e validação. O objetivo do SAPS é analisar a relação entre o vínculo humano jovem-animal de estimação e a qualidade de vida, considerando aspectos demográficos. Na pesquisa realizada, não pode ser claramente definido se o apego aos *pets* tem efeito direto na saúde e bem-estar ou se as questões sociodemográficas é que se relacionam a altos graus de vinculação com os animais de estimação.

Entretanto, o instrumento mais utilizado para avaliar o apego emocional dos humanos com os animais de estimação é o *Lexington Attachment to Pets Scale (LAPS)*, desenvolvido em 1992 e composto de 23 questões que devem ser respondidas de acordo com quatro opções de escala entre concordo ou discordo (por exemplo: “meu *pet* me compreende”). O instrumento é amplamente utilizado e já foi traduzido e validado inclusive em versão mexicana (Ramírez, Berumen & Hernández, 2014; Hall, Liu, Kertes & Wynne, 2016).

No Brasil, o LAPS foi utilizado em pesquisa que avaliou o grau de apego de 95 participantes com seus animais de estimação. Os resultados apontaram para correlação com o escore total em 21 questões. As exceções foram “acho que meu *pet* é justamente um animal de estimação” e “eu não sou muito apegado ao meu *pet*”. Os respondentes do sexo feminino apresentaram maior escore de apego, assim como os participantes com idade entre 28 e 50 anos (destaca-se que não houve participantes com idade superior a 50 anos) (Martins et al., 2014).

Em pesquisa utilizando o LAPS em Portugal, com 1041 donos de animais de estimação, os três fatores principais encontrados foram: vínculo geral, proximidade (fator central do animal na vida do tutor) e importância (impacto do animal na vida do humano). Novamente, as participantes do sexo feminino apresentaram maior grau de vínculo com seus animais. Não foram encontradas diferenças significativas em função do estado civil. Quanto à escolaridade, os participantes com maior escolaridade apresentam menor vínculo. A faixa etária que apresentou maior vínculo, proximidade e importância foi entre 65 e 75 anos (Miranda, 2010).

Os desenvolvedores do LAPS analisaram o vínculo dos idosos com os animais de estimação e a relação de tal vínculo com a saúde. No estudo realizado, encontraram correlação entre apego com os animais e depressão (maior grau de apego, menor depressão); aumento de depressão e doenças em caso de aumento de mudanças na vida nos 12 meses anteriores, independentemente do apego ao animal; possuir um animal de estimação não foi

considerado preditor para depressão; um maior vínculo com o animal foi associado com menos doenças relatadas; nos idosos enlutados o grau de depressão é menor quando possuem e/ou se vinculam a animais (Garrity, Stallones, Marx & Johnson, 1989).

Para além do vínculo, os animais de estimação oferecem benefícios sociais e psicológicos aos idosos, aumentando a segurança, a companhia, a alegria e reduzindo a carência afetiva (Fukushima, Vicente, Fuzaro Junior, Machado & Costa, 2016). O aumento de sentimentos positivos, advindos do relacionamento dos idosos com os animais de estimação, depende do que é esperado pelos idosos e do vínculo estabelecido.

Pesquisa realizada na cidade de São Bento do Sul com 51 idosos entre 60 e 84 anos de idade concluiu que mais de 70% dos participantes consideravam os animais de estimação membros da família, sendo tratados como filhos. Eles se sentem seguros com essa convivência, confiando nos animais e mantendo um vínculo estreito. Os benefícios da convivência relatados foram: “alegria, companhia, segurança, ter um passatempo e distração.” (Heiden & Santos, 2012, p. 492).

Os benefícios que os animais de estimação proporcionam a idosos podem ser divididos em três grandes áreas: saúde física, notadamente em relação a hábitos saudáveis adquiridos para a rotina do animal; saúde psicológica e bem-estar, especialmente reduzindo sintomas depressivos, tristeza e solidão, sendo o animal considerado um amigo ou membro da família que aumenta a sensação de felicidade e autoestima; e contexto social, destacando-se que os animais de estimação favorecem a desinibição social dos idosos (Fernandes, 2018).

É necessário destacar que há alguns pontos a serem considerados quanto à convivência dos idosos com os animais de estimação. O risco de quedas em idosos é elevado, em função de trombar ou tropeçar no animal ou objetos existentes na residência em função deste (Fabrício, Rodrigues & Costa Júnior, 2004). Além deste, há risco de agressões por parte do animal, o custo financeiro também deve ser considerado e há de se notar que a expectativa de vida dos animais pode levar os idosos a vivenciarem esse luto com extremo pesar, especialmente considerando o vínculo construído (Fukushima et al., 2016).

Sobre a morte do animal de estimação, os idosos tendem a se sentir confrontados com a finitude da vida e a experienciar sentimento de culpa e extremo sofrimento. A perda e o luto pelo animal geram muita tristeza nos idosos. Inclusive quando projetam o futuro, os idosos que convivem com animais de estimação já se revestem de tristeza ao vislumbrar a morte do companheiro, que são por eles considerados entes queridos que necessitam de cuidados e afeto (Costa, 2006).

Assim, é notória a relevância que o animal de estimação pode representar na vida da pessoa idosa, bem como as diversas possibilidades de benefícios que esse relacionamento

pode proporcionar na velhice. Neste estudo, busca-se abordar essas questões mais detalhadamente, pelo viés da Teoria do Apego. Segue-se apresentando o método proposto para atingir tal objetivo.

MÉTODO

Delineamento

Para possibilitar o alcance dos objetivos do presente trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa, descritiva, de cunho exploratório e interpretativo ou explicativo. A pesquisa qualitativa é a que analisa detalhadamente os dados sem que categorias sejam determinadas previamente e que se dedica a uma descrição aprofundada dos achados de estudo ao invés de focar na mensuração deles. Essa modalidade de pesquisa baseia-se na ciência de que há diferentes perspectivas para o mesmo fato e valoriza o papel ativo do pesquisador e de seus valores enquanto influenciadores dos resultados encontrados (Gil, 2019).

Pesquisa descritiva é a que se propõe a descrever detalhadamente o fenômeno estudado, ou uma situação, problema ou programa. Por meio dela, pode-se compreender o comportamento do fenômeno, já que ele será sistematicamente descrito possibilitando o entendimento estrutural (Richardson, 2017).

A natureza da pesquisa realizada é exploratória, porque objetiva sondar relações, fatos e processos, sem necessariamente elaborar hipóteses, já que não haverá – em regra – elementos de comparação (Deslandes, 1993). Como explicativa ou interpretativa, descreve-se a pesquisa que objetiva identificar fatores determinantes ou contribuintes para que se concretize algum evento. Dedicar-se, então, à compreensão da razão de ocorrência dos fenômenos (Gil, 2018).

Fontes

Para ilustrar a análise desejada pelo presente trabalho, foi utilizado o artefato cultural cinematográfico *Melhor é Impossível* (“*As Good as it gets*”), filme de 1997, dirigido por James L. Brooks, e produzido pela companhia *Gracie Films* e estúdio *TriStar Pictures*, nos Estados Unidos.

O filme narra a trajetória de Melvin Udall, um escritor bem-sucedido profissionalmente, diagnosticado com transtorno obsessivo-compulsivo e extremamente mal-humorado, grosseiro, excêntrico, homofóbico, preconceituoso, sarcástico e solitário. Ele não tem relacionamentos interpessoais permeados por afeto, apenas convive com algumas pessoas por extrema necessidade, como, por exemplo, a editora de seus livros e o psiquiatra que o diagnosticou. Ele se alimenta em um único restaurante, no qual reivindica se sentar sempre à mesma mesa e requer ser atendido sempre pela mesma garçonete, Carol (até porque

as demais garçonetes e o gerente do local não o toleram). No local, ele faz suas refeições sozinho, utilizando talheres de plástico que traz consigo.

Ao longo da história, é possível observar a grosseria com que Melvin trata as pessoas que passam por seu caminho, notadamente o vizinho Simon e seu cão. Simon é um artista bem-sucedido, gentil, e educado, que sofre um assalto e agressão física, impossibilitando-o momentaneamente de cuidar do seu cão.

Em decorrência disso e de uma ameaça realizada pelo namorado de Simon, Melvin sente-se obrigado a cuidar do cão de Simon. Esse relacionamento com o animal inicia com grande distanciamento, mas Melvin começa a se identificar e se vincular afetivamente com o cão, passando a desejar tal companhia em sua vida, tolerando, inclusive, modificar alguns comportamentos rígidos em função do cão, como trocar a mesa a qual se senta no restaurante.

A partir da abertura emocional que o cão proporciona, pode-se perceber que Melvin passa a alterar parcialmente sua visão e forma de agir no mundo. Desse modo, ele começa a aceitar algumas novidades e se permite estabelecer, ainda que com certa restrição, relacionamentos interpessoais, passando a conviver mais amigavelmente com Simon e até inicia um envolvimento mais romântico com Carol.

É possível identificar que Melvin era um idoso solitário e que criou um vínculo afetivo com o cachorro de Simon, a partir do qual, além de modificar seu modo de viver, possibilitou o estreitamento de novos vínculos interpessoais, aumentando a sensação de pertencimento e bem-estar e aprimorando o funcionamento da sua vida cotidiana. Assim, considera-se que esse artefato cultural pode auxiliar na compreensão da problemática do presente estudo.

Instrumentos

Para apresentação e organização das informações a serem analisadas, são utilizadas tabelas contendo recortes das cenas do artefato cultural necessárias para a realização da análise de conteúdo. O uso de tabelas se justifica por elas possuírem bom apelo visual e possibilitarem a apresentação clara dos dados necessários, que devem ser apresentados tão resumidamente quanto possível (Nahas & Ferreira, 2005).

Procedimentos

Como preconizado por Laville e Dionne (1999), a descrição dos procedimentos deve ser feita rigorosamente e estruturadamente planejada. Assim, para a construção deste trabalho, foi necessário realizar ampla pesquisa bibliográfica. Foram utilizados livros de autores renomados tanto do acervo pessoal da estudante, como da Biblioteca da

Universidade de Caxias do Sul e da Biblioteca Virtual. Além disso, para que os temas e autores mais atualizados fossem estudados, foram realizadas pesquisas por artigos científicos na base de dados *Scielo - Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), além do Portal de Periódicos CAPES. Com a finalidade de filtrar os artigos, foram selecionados os seguintes descritores: idosos, animais de estimação e teoria do apego. Dentre os artigos encontrados, foram filtrados os mais recentes em português e inglês e, após a leitura do resumo, foi aprofundado o estudo dos que se mostraram pertinentes aos objetivos deste trabalho.

Após tal estudo, foi definido como artefato cultural o filme “*Melhor é Impossível*” (Brooks, 1997), a fim de ilustrar alguns aspectos da teoria abordada. Então, o filme foi assistido diversas vezes, foram realizados recortes de trechos relacionados ao problema de pesquisa, que em seguida foram agrupados em categorias de análise. Após, realizou-se uma discussão, relacionando as categorias à revisão de literatura realizada.

Referencial de análise

Referencial de análise se refere ao processo de lapidação do conteúdo. Por meio da análise de conteúdo os elementos do conteúdo são selecionados e categorizados de acordo com suas características e significados únicos. Esse processo é realizado após a organização, para que os itens organizados sejam analisados minuciosamente e deles seja extraída a maior significação possível e a mais adequada ao objetivo da pesquisa (Laville & Dionne, 1999).

A análise de conteúdo pode ser realizada em relação a uma ampla gama de materiais, em função do objeto de investigação utilizado, sendo assim, uma ferramenta amplamente abrangente e que possibilita uma avaliação profunda de itens complexos. Por meio dela, é possível acessar materiais implícitos e fazer correlações que não seriam facilmente alcançáveis de outro modo (Laville & Dionne, 1999).

A construção da análise de conteúdo não se dá por um formato rígido, previamente definido, mas os autores apontam um caminho possível para a compreensão organizada dos conteúdos. As fases sugeridas (podendo haver alteração de ordem ou ocorrência de uma etapa dentro de outra, sem prejuízo), então, são: exploração do material; decomposição e recomposição para melhor compreensão do significado; recorte dos conteúdos para possibilitar a realização da próxima etapa: agrupamento baseado no significado; classificação; e estudo dos resultados (Laville & Dionne, 1999).

RESULTADOS

As tabelas a seguir foram construídas com o intuito de possibilitar a discussão e favorecer a compreensão do tema referente ao presente trabalho, a partir do filme “*Melhor é Impossível*” (Brooks, 1997). Para atender aos objetivos propostos, foram realizados recortes de cenas do filme que possibilitem a realização de vinculação da obra ficcional com a compreensão do fenômeno estudado.

Após os recortes das cenas, estas foram agrupadas em categorias de análise, a fim de possibilitar a realização do estudo referente ao problema da pesquisa. A primeira categoria está intitulada como “Comportamento interpessoal evitativo”, a segunda foi nomeada de “Vinculação com o cão” e a terceira como “Desenvolvimento de comportamentos de aproximação afetiva”.

Tabela 1:

Primeira Categoria: Comportamento Interpessoal Evitativo

Cena	Descrição
Cena 01	Melvin, de dentro do elevador chama o cão “vamos, querido” “vá dar uma volta, depois você pode urinar pela cidade inteira”. O cão não vai até ele e, então, urina na parede. Melvin o segura pelas mãos (afastado do corpo) e diz: “você nunca mais vai urinar no chão. Aposto que você gostaria de ser um cão de verdade.” Melvin coloca, em seguida, o cão na gaveta de lixo do andar, afirmando: “aqui é Nova Iorque, se você vencer aqui, vence em qualquer lugar, seu feioso fedorento.” Pode-se ouvir o cão latindo, gemendo e descendo pelo escorregador de lixo. Então o dono do cão, Simon, abre a porta do seu apartamento, procurando pelo cão e pergunta se Melvin o viu. Melvin reage com ironia, realizando comentários homofóbicos e racistas. Quando Simon se afasta, ele fala: “espero que o encontre. Adoro aquele cão.”, ao que Simon responde: “você não ama nada, sr. Udall.”
Cena 02	Após um vizinho encontrar o cão na lixeira do porão, Simon percebe que quem o jogou pela gaveta de lixo foi Melvin e vai confrontá-lo. Simon diz que encontrou o cão e questiona se Melvin foi responsável, ao que ele responde: “Você sabia que eu trabalho de casa? ... Portanto, jamais me interrompa... nunca venha bater à minha porta por razão nenhuma.” Quando Simon se retira e Melvin fecha a porta, Frank, namorado de Simon, bate na porta do apartamento de Melvin e diz “Você acha que intimida todo o mundo com sua atitude, mas não a mim. Eu cresci no inferno!”. Melvin rebate com gritos e ofensas, mas Frank segue: “Eu gosto tanto do Simon que se você o abusar verbalmente ou encostar no seu cachorro, eu vou bater no seu rosto a ponto de deixá-lo irreconhecível. Enquanto isso, vou pensar em algum modo de você compensá-lo.”
Cena 03	Melvin anda na rua sem pisar em nenhuma linha de cimento da calçada, pedindo o tempo todo para que ninguém toque nele.
Cena 04	Melvin se intromete na conversa de um casal sentado à mesa do restaurante. Em seguida, ele confronta Carol (garçonete que sempre o atende) para que

	libere a sua mesa, que diz a ele para aguardar a mesa ser liberada. Ele segue importunando o casal, que se sente coagido a sair do restaurante. O gerente do local diz que essa é a última vez que ele age assim, na próxima será expulso. Quando ele faz o seu pedido (comida gordurosa), Carol brinca que ele irá morrer logo, ele responde: “todos nós morreremos logo, eu, você, e pelo que eu percebo o seu filho também”. Diz isso displicentemente enquanto organiza os talheres de plástico que utiliza. Ela responde: “se você falar sobre o meu filho mais uma vez, nunca mais poderá comer aqui”. Após ela questionar quatro vezes se ele compreendeu, ele diz que sim.
Cena 05	Simon é assaltado e agredido, deixado no chão desacordado. A polícia vai ao apartamento, após ter sido acionada por Melvin, que é grosseiro com o policial: “Vá na lanchonete, fazer uma boquinha”. Frank passa com o cão latindo em frente a ele, que diz: “não lata para mim, eu não dei o seu nome.”. Frank tenta deixar o cão com uma vizinha, que não aceita. Melvin ri e Frank diz: “Não ria. Você vai ficar com ele, vai sim, você vai! Saia da minha frente! Você ficará com ele e ficaremos quites.”. E deixa o cão no apartamento de Melvin, que demonstra ficar intimidado e diz: “Eu não posso ficar com o cão, ninguém nunca veio aqui antes.” Frank o ignora e vai embora, deixando o cão.
Cena 06	Melvin retorna ao seu apartamento procurando pelo cão, que se arrasta pelo chão, observando-o. Melvin diz: “Você está morto! Nós não temos comida de cachorro aqui, não queremos comida de cachorro aqui. Você comerá o que nós temos, o que nós comemos.” Ele arruma um prato para o cão, que não come. Melvin questiona: “Onde está a confiança?” e começa a tocar uma música animada no piano e a cantar, o que estimula o cão a comer.
Cena 07	Simon e Carol estão conversando, quando Melvin interrompe e diz: “Meu pai não saiu do quarto por 11 anos. Ele costumava bater nas minhas mãos com uma vareta se eu cometesse um erro tocando o piano.” Simon e Carol ignoram o relato e seguem conversando. Carol finaliza dizendo que todos têm uma história a superar e Melvin diz: “Alguns têm histórias legais... ninguém neste carro, mas muita gente tem histórias de bons tempos e saladas de macarrão. O que dificulta tanto não é ter tido coisas ruins, mas você ficar tão zangado porque tantos outros tiveram coisas boas.”

Tabela 2

Segunda categoria: Vinculação de Melvin com o cão

Cena	Descrição
Cena 08	Melvin está sentado na mesa usual do restaurante, observando duas crianças brincando com o cão, que está amarrado a um poste em frente à porta do restaurante. Carol o questiona se o cão é dele, ele nega. Ela pergunta o que ele está fazendo com um cão, ele diz que foi ameaçado e forçado. Ela então pergunta se ele não tem medo de alguém levar o cão. Ele diz: “não tinha até agora, pelo amor de Deus!”, levanta-se e troca de mesa, para ficar mais próximo do cão. As crianças seguem brincando com o cão e ele sorri ao ver essa interação. Carol se aproxima e diz que como o cão é pequeno, Melvin pode entrar com ele se o gerente do restaurante não estiver. Melvin pergunta a Carol quantos anos ela tem e diz que ela tem olheiras, questionando o motivo. Ela relata uma crise de asma do filho durante a noite, enquanto recolhe o prato. Melvin segura

Cena 09	<p>o prato para pegar o bacon, dizendo “O bacon é para o cachorro”. Ele guarda em um saquinho o bacon, dizendo que já ofereceu e o cão gosta. Melvin passeia com o cão, dizendo “Está um dia lindo para passear, muito agradável!”. Então ele percebe que o cão também não pisa nas linhas da calçada, como ele. Melvin diz: “Olhe só esse cachorro, olhe pra ele! Eu preciso lhe dar algo” e retira o bacon do bolso, oferecendo ao cão. Ele pega o cão no colo e fala: “Não seja como eu. Seja como é, porque você é um sujeito perfeito. Vou levar você para casa e lhe dar um presente. O que você quiser!”. Passa uma mulher na rua e fala “oh, olha isso. Eu gostaria de ser tratada assim.”</p>
Cena 10	<p>Frank bate à porta de Melvin, quando ele abre, Frank questiona como está o cão. Ele responde, sorrindo, “Sabe como é, uma chatice”. Frank, então, informa que Simon está em casa e que gostaria que Melvin cuidasse do cão até sua recuperação. Melvin diz que já se passaram semanas, que uma a mais não faria diferença. Frank o interrompe e diz que Simon quer o cão de volta já, no dia seguinte. Melvin responde: “ok, por mim tudo bem”. Ele entra no apartamento e diz: “com fome? Já vou cachorrinho”. O cão se deita olhando para ele, que diz: “Eu estou bem” e respira fundo diversas vezes, até começar a chorar. O cão abaixa a cabeça e as orelhas.</p>
Cena 11	<p>Simon bate à porta de Melvin, que diz: “O que fizeram com o seu rosto?”. Simon pede que ele pegue leve. Ele concorda e Simon agradece. Simon então chama o cão para ir para casa, o cão anda muito lentamente em direção à porta, Melvin o pega no colo e entrega a Simon, dizendo: “Não se preocupe se ele estiver um pouco estranho, afinal... olhe-se no espelho”. Quando retornam ao apartamento de Simon, este oferece biscoito ao cão, que não vai buscar, ficando próximo à porta, aparentando desejar retornar ao apartamento de Melvin</p>
Cena 12	<p>Tocando uma melodia triste no piano, Melvin sorri, suspirando ao olhar para o pote de ração do cão: “por causa de um cachorro, por causa de um cachorro feio!”. Então ele corre ao consultório de seu psiquiatra, que se nega a atendê-lo porque ele não marcou consulta. Ele responde ao médico: “Como você pode esperar que alguém diagnosticado com neurose obsessiva-compulsiva se comporte de maneira adequada? ... Você se comprometeu a me ajudar!” O médico diz que o ajudará se ele se responsabilizar. Melvin então percebe que a sala do médico está diferente e questiona, o médico responde que sim, que reformou há dois anos e que também cresceu a barba, “mas não lhe interessam minhas mudanças”. Melvin diz: “não tenho tempo para isso. Preciso chegar na hora certa ao restaurante. Sabe como foi difícil para mim vir até aqui?” O médico diz que sim, mas que não irá atendê-lo naquele momento. Ele diz: “Eu mudei um só padrão, como você me aconselhou”, mas o médico não o atende. Então ele olha para as pessoas aguardando na sala de espera e diz: “e se melhor do que isso for impossível?”. Em seguida, ele vai ao restaurante, mas Carol não está, pois seu filho está doente, e ele é atendido por outra garçonete. Ele é grosseiro com ela e verbalmente agressivo, exigindo que ela traga Carol para o atender, mas o gerente o manda calar a boca e sair do restaurante. Melvin reage: “esse dia está um desastre. Eu não sei se aguento isso também.” Mas ele é expulso do restaurante e, ao sair, todos no local aplaudem.</p>

Tabela 3

Terceira categoria: Desenvolvimento de comportamentos de aproximação afetiva (cão, Carol e Simon)

Cena	Descrição
Cena 13	A empregada doméstica de Simon bate à porta de Melvin, que abre perguntando: “ele já morreu?”. Ela fala, assustada, que não, mas pergunta se ele pode levar o cão para passear. Ele responde que certamente, ao que ela diz que Melvin é um homem maravilhoso. Ela lhe dá as chaves e pede que ele vá às 14h e abra as cortinas, para Simon “ver a bela obra de Deus e saber que até coisas assim acontecem para o bem”. Melvin responde: “onde você aprendeu a falar assim? Em algum bar de cais de porto? Ou hoje é seu último dia e a última dose do whisky dele? Vá vender a loucura em outro lugar! Já tenho o suficiente aqui.” Ele fecha a porta e ela vai embora.
Cena 14	Melvin vai ao apartamento de Simon buscar o cão para passear. Ao entrar, ele faz carinho no cão e diz que talvez traga comida para ele. Simon agradece e pede licença, pois não está se sentindo bem. Melvin então diz que o lugar está com um cheiro horrível, Simon pede a ele para ir embora então. Melvin pergunta porque a casa está tão suja e onde estão os amigos de Simon, que diz que não há nada pior do que se sentir dessa forma justamente na frente de Melvin, que diz: “Você é uma desgraça para a depressão.” Simon manda-o ao inferno e Melvin diz: “Não se preocupe, você estará de volta em seus joelhos rapidinho.” Simon reage dando um soco em Melvin e diz: “Isso é engraçado para você? Seu diabo sortudo, fica cada vez melhor. Eu vou perder meu apartamento e Frank quer que eu peça dinheiro aos meus pais, que não me ligaram para ajudar. E eu não quero mais pintar. Então a vida que eu estava tentando criar acabou e sinto tanta autopiedade que não consigo respirar. Você está no auge, não Melvin? Seu vizinho gay está apavorado, apavorado!” Eles se sentam e Melvin afirma que só estava tentando dar um impulso. Simon disse: “sorte sua, você veio me ver atingir o fundo do poço. Você, esse horror absoluto de ser humano.” Então Melvin diz que fará algo para animar Simon: “Sabe por que o cachorro me prefere? Não é afeto. É um truque. Sempre tenho bacon no meu bolso”. Ele tira o bacon do bolso e o cão late. Então Melvin propõe que ambos chamem o cão, para mostrar que o cão irá a quem estiver com o bacon. Simon chama o cão segurando o bacon, enquanto Melvin sinaliza ao cão para que vá até Simon, mas o cão vai ao colo de Melvin mesmo assim, que diz: “que cão estúpido!”. Simon pede a ele que se retire e ele diz não compreender o cão.
Cena 15	No restaurante, Melvin está sentado à sua mesa habitual com Frank, que diz: “É por isso que você me trouxe aqui?”. Melvin responde: “Bom, ele nem é meu. E esse cara Simon já tem problemas suficientes, mas o cão vomitou duas vezes ontem à noite e está sem brilho.” Frank diz a Melvin que o leve ao veterinário, Melvin responde que levou e que o estômago do cão está ruim e precisará ficar dois dias internado. Carol aparece e entrega a refeição de Melvin juntamente com um bilhete de agradecimento (por Melvin ter enviado um médico para cuidar do seu filho), mas ele diz que não precisa de agradecimento e não aceita a carta.

Frank diz então que Melvin está mudado, que o Simon contou que Melvin levou sopa para ele ... Ajudou com o cão e agora outras coisas... Então Frank diz que está preocupado com Simon, assim como Melvin está. Que Simon precisa viajar para pedir dinheiro aos pais no dia seguinte, mas Frank não pode levá-lo, então pede a Melvin que o leve no seu conversível.

Melvin reluta, mas diz que irá e pede a Frank para sair do restaurante: “Nós não nos curtimos tanto.” Frank sai e deseja boa sorte a Carol, a quem Melvin pergunta se a ajuda dele melhorou a vida do filho dela. Ela responde que ele fez mais por ela, pelo filho dela e sua mãe mais do que qualquer outra pessoa na sua vida e pede desculpa a ele por não o ter valorizado antes. Ele diz que é bondade dela e a agradece, mas pede um favor: que ela vá junto na viagem. Ela aceita.

Cena 16 No hotel, após a viagem, Melvin pergunta a Simon: “Posso fazer uma pergunta pessoal? Nunca senti atração por uma mulher? Sua vida não seria mais fácil se você não fosse..?” Simon responde: “Você considera a sua vida fácil?” Melvin responde que Simon está certo e elogia o modo como Simon arrumou a mala.

Cena 17 Ao retornar de viagem, após Carol falar que não quer conhecer Melvin melhor, ele e Simon entra no apartamento de Melvin e Simon diz que precisa perguntar a Frank onde irá se instalar. Melvin diz que Simon terá que acampar lá, então o cão vem latindo cumprimentar os dois. Então Melvin diz que o apartamento de Simon foi alugado com os móveis, mas mostra o quarto extra em seu próprio apartamento onde ele pediu que as coisas pessoais de Simon fossem colocadas.

Ao entrar no quarto, Simon fica surpreso com a organização e com o gesto. Melvin diz que vai dar tudo certo, que ficou aconchegante. Simon agradece e diz que ficou surpreso e que o ama. Melvin responde: “Vou te dizer amigo, eu seria o cara mais feliz do mundo se fosse chegado. Sinta-se em casa.”

Cena 18 Melvin está deitado em sua cama com o cão, quando Simon entra no quarto procurando o cão.

Simon fica surpreso ao encontrá-los juntos na cama e diz que o cão não deveria ficar muito confortável dormindo lá, que iria se acostumar. Melvin responde: “Ele já está muito confortável!”

Cena 19 Melvin vai ao apartamento de Carol e diz que se sente melhor sentado do lado de fora do apartamento dela do que em qualquer lugar que ele possa imaginar. Ela pergunta por que não consegue ter um namorado normal, que não enlouqueça. A mãe dela os interrompe e diz que isso não existe. Então Carol pede a Melvin para entrar, mas que ele tente não estragar tudo sendo ele mesmo. Ele diz que tentará evitar o sarcasmo. Eles em seguida saem para caminhar até uma padaria e ele diz que está se sentindo melhor, mas Carol diz que mesmo que pareça assim agora, ela não é a solução dele. Ele diz então que ele talvez seja a única pessoa que conhece a melhor mulher do mundo, que reconhece o quão incrível ela é em tudo o que faz, que ela é franca e bondosa e as pessoas que convivem com ela não percebem. E que o fato de ele perceber o faz sentir bem com relação a ele mesmo. Eles se beijam e ele consegue caminhar ao lado dela na calçada, pisando nas linhas.

DISCUSSÃO

Segue-se apresentando a discussão das categorias de análise e suas respectivas cenas do filme, entrelaçando-as a aspectos teóricos abordados na revisão de literatura do presente estudo.

Primeira Categoria

A idade de Melvin, apesar de não ser mencionada com exatidão no filme, aparenta estar na faixa entre 60 e 65 anos. Desse modo, ele poderia ser, cronologicamente, caracterizado como um idoso jovem, definido como aqueles que possuem entre 60 e 79 anos (Navarro et al., 2015). Além da idade cronológica, Schneider e Irigaray (2008) destacam a importância de serem avaliados os critérios biológicos, sociais e psicológicos para a definição de um indivíduo como idoso. No caso de Melvin, pode-se presumir que ele apresenta alterações na pele e comportamentais que o enquadrariam na referida faixa etária. Sugerem, ainda, para essa definição, as habilidades sociais apresentadas por ele, tais como: dificuldades de expressar sentimentos positivos e manter conversações com outras pessoas. Essas habilidades são caracterizadas por Machado, Campos e Rabelo (2013) como importantes a serem desenvolvidas em idosos, pois podem impactar positivamente em sua qualidade de vida. É relevante o fato de que Melvin siga trabalhando como escritor, porque idosos aposentados tendem a apresentar sensação de desvalia, como preconizam Fontoura et al. (2015).

A partir da Cena 01 pode-se vislumbrar o comportamento interpessoal de Melvin, sendo possível supor que a relação até então estabelecida com o seu vizinho, Simon, não fosse muito amistosa e cordial. Além de não demonstrar apreço algum pelo cão de Simon, Melvin realiza comentários homofóbicos e racistas, demonstrando preconceito e desrespeito. O fato de Simon dizer a Melvin que ele “não ama nada” possibilita a suposição de que tal comportamento evitativo, repita-se em outros contextos e com outras pessoas. Um destes contextos é apresentado na Cena 02, em que Melvin é grosseiro com o namorado de Simon, Frank, solicitando que nunca seja interrompido e que nunca batam à sua porta. Além disso, identifica-se, ao longo do filme, que Melvin não possui amigos e não recebe visitas em seu apartamento. A Cena 03 contribui para a identificação de seu repertório comportamental, uma vez que, ao andar na rua, Melvin solicita constantemente que não o toquem, evitando a aproximação e contato de outras pessoas. Importante ressaltar que não havia, no filme, nenhuma informação de alguma pandemia, como a que se está vivendo, o que poderia justificar tal atitude.

Os comportamentos de evitação à companhia humana ou animal, dando preferência aos momentos de solidão, podem levar à possível interpretação de que este seja o padrão comportamental afetivo de Melvin, ou seja, que esta seja a forma como ele se coloca diante de experiências interpessoais que envolvam a possibilidade de afeto. Evidentemente que não se pode afirmar que esse comportamento reflita o padrão de apego desenvolvido ao longo do ciclo vital do protagonista, entretanto pode-se hipotetizar que este seja seu padrão de comportamentos de apego. Essa distinção é relevante porque os comportamentos de apego existem em numerosa quantidade e em diferentes contextos relacionais, atuando ao longo de todo o ciclo vital dos indivíduos. Já o apego propriamente dito ocorre com poucas e significativas figuras e possibilita a assimilação de experiências e construção de um repertório afetivo e comportamental (Ramires & Schneider, 2010; Dalbem & Dell'Aglio, 2005).

Quanto à vivência afetiva de Melvin, a evitação ao contato e à aproximação discutido nas cenas anteriores desta categoria não permitem identificar a existência de emoções positivas direcionadas a outras pessoas, que seria a definição filosófica de afeto, como menciona Corrêa (2005). Entretanto, quando sua integridade física é ameaçada, a feição e reação corporal de Melvin sugerem a possível demonstração de medo. E o medo pode ser considerado um afeto, enquanto sensação desagradável que provoca efeitos no corpo (Menezes, 2007).

Pode-se pensar nas vivências afetivas de Melvin, nas quais os afetos precisam de uma destinação pulsional e uma descarga afetiva. A descarga pode ser suspensa e o afeto ligado a uma nova e diferente representação, ou deslocada ao corpo, gerando um sintoma (Winograd & Teixeira, 2011). Quando há descarga afetiva recalcada por meio de deslocamento, tal sintoma pode tornar-se um sintoma obsessivo (Laplanche & Pontalis, 2004). Em um indivíduo diagnosticado com Transtorno Obsessivo-Compulsivo, como Melvin se autodeclara, a Cena 03, em que ele evita pisar nas linhas de cimento da calçada, pode ser um demonstrativo de que haja comportamentos obsessivos que ilustram o diagnóstico apresentado. A existência ou não do Transtorno no personagem não foi avaliada no presente trabalho e não é intuito deste, por não se relacionar com os objetivos aqui propostos. Entretanto, o que Melvin nomeia como sintomas são relevantes para a caracterização das experiências afetivas de Melvin, porque se referem à forma como ele se posiciona no mundo e como interage interpessoalmente.

Seguindo a caracterização de tais experiências, percebe-se que Melvin possivelmente mantenha com Carol, a garçonete que o atende diariamente, a mesma distância afetiva e comportamento evitativo que estabelece com os vizinhos. É possível se identificar tal

comportamento principalmente na Cena 04, em que ele age ironicamente, desrespeitando os sentimentos de Carol. Ela necessita questioná-lo quatro vezes a fim de que ele confirme que sua colocação, “todos nós morreremos logo, eu, você, e pelo que eu percebo o seu filho também”, foi inadequada. Essa falta de empatia direcionada aos sentimentos maternos de Carol pode ser uma representação de que o seu vínculo com ela busca apenas satisfazer as suas necessidades, em especial a de apenas utilizar uma única e mesma mesa e ser atendido por ela. Esse tipo de formação vincular, em que é buscada a satisfação imediata e unilateral de desejos, é considerada por Casadore e Hashimoto (2012) típica da contemporaneidade, em que o vínculo existe apenas enquanto realizador da felicidade imediata, sem profundidade e demonstração de sentimentos.

Ao repertório comportamental até então discutido, soma-se o que pode ser percebido na Cena 05, em que Melvin é grosseiro e irônico com os policiais e ainda rechaça a possibilidade de convivência com o cão. Entretanto, ao ser coagido a cuidar/ficar com o cão, ele afirma que “ninguém nunca” entrou em seu apartamento antes, o que parece o afligir ainda mais diante da impossibilidade de evitar essa convivência. Assim, pode-se pensar, com base em uma das várias compreensões possíveis, das cenas 01 a 05, que o comportamento afetivo de Melvin com os vizinhos, com Carol, com o cão e com estranhos seja possivelmente bastante evitativo. Pode-se perceber que ele evita aproximação, além de preferir a solidão, demonstrando desconforto com o contato interpessoal, além de falta de empatia e de habilidades sociais de convivência.

Tal comportamento afetivo evitativo, ainda que seja possível que caracterize apenas o relacionamento de Melvin com estas pessoas e este cão, pode estar representando um padrão de comportamentos de apego evitativo. Novamente, não se trata de um padrão de apego propriamente dito, pois para tal caracterização seriam necessários mais dados de análise do que os apresentados no filme. Entretanto, a pouca interação com outras pessoas e a evitação ao contato interpessoal é fortemente representativa de tal padrão (Dalbem & Dell’Aglia, 2005). Com o cão, o comportamento representado por desconforto com a proximidade física e emocional, bem como evitação de intimidade humano-cão também é caracterizado na literatura como um vínculo afetivo representativo de comportamentos de apego evitativo (Zilcha-Mano et al., 2011). Dalbem e Dall’Aglia (2005), ainda, caracterizam comportamentos de apego evitativo como aqueles em que a pessoa demonstra não necessitar confiar em outras pessoas. E a evitação de Melvin a receber convidados em seu apartamento ou conviver amistosamente com outras pessoas pode ser indicativo dessa desnecessidade de confiança: ele não confia, mas também não demonstra necessitar confiar.

Entretanto, apesar de demonstrar não necessitar confiar em outras pessoas, é justamente a palavra “confiança” que Melvin utiliza para incentivar o cão a se alimentar, quando eles estão juntos em seu apartamento, na Cena 06 (“Onde está a confiança?”). Talvez ele projete no animal esse sentimento típico de humanos e, por isso, a escolha do termo. A literatura relata que frequentemente são atribuídos aos cães sentimentos, pensamentos e motivações típicos dos seres humanos (Cabral & Savalli, 2020). Apesar da referida possível projeção de sentimentos humanos ao animal, quando, nesta mesma cena, Melvin afirma não ter e nem se interessar em ter comida apropriada para o cão, pode-se deduzir que provavelmente ele não tenha se vinculado afetivamente com o cão. Destaca-se que, apesar da evitação de Melvin, o fato do cão não se alimentar inicialmente, apenas quando ele começa a cantar uma música alegre, pode ser uma demonstração de que o cão já aprendeu a reconhecer as emoções humanas, tanto visual quanto auditivamente, alimentando-se apenas quando percebeu uma emoção positiva na expressão/voz de Melvin (Albuquerque et al., 2016).

A aparente dificuldade de vinculação interpessoal de Melvin, demonstrada em seu comportamento de evitação de proximidade afetiva com Simon, Frank, Carol e o cão pode ser derivada de alguma representação afetiva negativa de apego propriamente dito. As primeiras experiências de apego, na infância, definem o padrão de apego desenvolvido, que funciona como lentes por meio das quais a criança (e o futuro adulto) enxerga suas relações afetivas (Ramires & Schneider, 2010). Bowlby (1997) ressalta a importância de que os pais representem uma base segura, a partir da qual a criança pode explorar o mundo e para a qual pode retornar com segurança, sendo o relacionamento entre as crianças e os pais fundamental para a construção de vínculos afetivos na fase adulta. Na Cena 07, Melvin relata brevemente o comportamento agressivo e a distância afetiva de seu pai, podendo-se pensar que ele possivelmente não tenha representado uma base segura durante sua infância. A partir desse exemplo trazido por ele nesta cena, é uma possibilidade que a agressividade e distância paternas talvez tenham sido recorrentes durante seu crescimento. Hipotetiza-se que se, além dessa suposição, ainda não tenha havido outra figura significativa para representar a base segura de desenvolvimento afetivo, o comportamento de Melvin enquanto idoso pode, dentre outras possibilidades, estar refletindo representações mentais desenvolvidas a partir de suas figuras de apego e experiências anteriores.

Segunda Categoria

Na Cena 08, Melvin, aparentemente pela primeira vez, utiliza uma mesa que não a usual no restaurante, após Carol questioná-lo sobre o cão ficar sozinho, sem que pudesse

visualizá-lo. Esse comportamento é motivado pelo receio de que alguém leve o cão, que está amarrado do lado de fora. Apesar de serem possíveis outras causas para tal atitude, pode-se presumir que o receio do protagonista seja em função de algum tipo de vínculo que está iniciando com esse cão. A predisposição para a vinculação é caracterizada por Bowlby (1997) como natural ao ser humano e o comportamento de ligação se desenvolve direcionado a alguns indivíduos específicos, diferenciados.

Apesar de Bowlby teorizar sobre o comportamento de vínculo humano, especialmente importante na infância, os animais de estimação podem ser considerados como figuras vinculáveis (Zilcha-Mano et al. 2011). Desse modo, é possível que a relação estabelecida entre Melvin e o cão possa ser caracterizada como um vínculo afetivo. Pode-se perceber em seu comportamento na Cena 09 alguma identificação com o animal, que, assim como ele, evita pisar em linhas de cimento nas calçadas. A reação de Melvin a essa descoberta é de aparente alegria, sendo essa emoção possivelmente um exemplo de felicidade. Zilcha-Mano et al. (2011) consideram felicidade a sensação experimentada por tutores ao se aproximarem de animais.

Quando os tutores se aproximam afetivamente dos seus animais de estimação, tendem a atribuir sentimentos, pensamentos e motivações a eles (Cabral & Savalli, 2020). Nesta cena, é possível presumir que Melvin esteja atribuindo ao cão um sentimento típico de humanos, uma motivação, para explicar o comportamento do cão de não pisar nas linhas de cimento, tal qual o seu cuidador nesse momento. A reação de Melvin de presentear o cão após o fato também contribui para a suposição de que ele esteja considerando o cão como uma figura possível de vinculação, que merece regalias e presentes. Uma das possibilidades é que Melvin tenha se sentido olhado e valorizado, despertando no cão um comportamento de imitação.

A partir dessa cena, pode-se supor que esteja iniciando alguma forma de vínculo, ao qual é adjacente a existência de algum afeto. E se há afeto, há sensação e significado (Menezes, 2007). Uma das possíveis compreensões, então, do choro de Melvin na Cena 10, em que ele é confrontado com a necessidade de devolver o cão ao dono, é que seja uma demonstração do afeto que começou a se desenvolver entre ele e o cão. Alguma sensação foi vivenciada por ele para resultar na descarga em forma de lágrimas. E um dos possíveis significados que esta cena pode representar é a dificuldade de se afastar do cão. Estudos demonstram que os tutores tendem a experimentar angústia de separação ao se separarem de seus animais de estimação (Zilcha-Mano et al., 2011). A angústia de separação diz respeito ao medo de se afastar da figura com a qual há vínculo (Bowlby, 1997). Desse modo, é uma

das possibilidades de compreensão de que Melvin vivenciasse tal angústia ao vislumbrar separar-se do cão.

Quanto ao cão, nessa mesma cena, reage abaixando as orelhas e a cabeça. Esse comportamento pode ser derivado da aprendizagem do animal sobre os seres humanos, especialmente referente à reação dos cães ao olhar e sentimentos humanos. Os cães identificam informações sobre os seus tutores pelo olhar e por elementos visuais e auditivos (Albuquerque et al., 2016; Wallis et al., 2015). Desse modo, pode-se pensar que haja uma vinculação também do animal com relação ao Melvin, pois o cão aprendeu a identificar as emoções advindas dele, neste caso pelo choro e olhar cabisbaixo. Essa possibilidade pode ser considerada como reforçada quando, na Cena 11, o cão afasta-se de seu tutor original, Simon, demonstrando querer retornar para perto de Melvin.

A proximidade afetiva de Melvin com o cão é novamente considerada uma possibilidade de compreensão do que acontece na Cena 12, em que Melvin suspira e toca uma triste melodia no piano, afirmando, surpreso, estar assim por causa de um cão. Apesar de este não ser um luto por morte, talvez o protagonista estivesse vivenciando uma espécie de luto, pela distância do animal. E o luto pelos animais de estimação é gerador de angústia de separação e tristeza (Vieira, 2019). É possível, assim, pensar-se que a tristeza de Melvin ao piano seja decorrente desse afastamento.

A reação do protagonista, ao perceber sua própria tristeza e atribuí-la ao cão, é de procurar o seu psiquiatra, alegando haver modificado um padrão em seu comportamento, o que aparentemente havia sido sugerido pelo profissional anteriormente. O padrão a que Melvin se refere não é explicitado, entretanto, uma possibilidade é que seja o fato de nunca receber ninguém em seu apartamento. E a mudança seria, então, ter recebido o cão e, além de apenas receber, vincular-se, aparentemente afetivamente, com o animal. Esse comportamento possivelmente vincutivo, novo para Melvin, pode representar um comportamento de apego diferente do que vinha sendo apresentado pelo protagonista até então, talvez se aproximando de um comportamento de apego seguro. Como já referido, isso não significaria que o padrão de apego de Melvin é seguro, apenas que ele tem possivelmente experimentado essa segurança com o cão. Isso porque a caracterização do apego propriamente dito requer uma análise mais profunda do que a possibilitada pelo filme, enquanto o comportamento de apego apresenta-se em diversas ocasiões, derivando da representação mental individual (Ramires & Schneider, 2010).

Entretanto, como pode-se visualizar ainda nesta cena junto ao psiquiatra, Melvin mantém seu padrão comportamental com o médico e no restaurante, sendo grosseiro e não empático. Assim, apesar de possivelmente estar iniciando algum tipo de vínculo afetivo com

o cão, esse vínculo, por enquanto, não modificou seu modo de comportar-se afetivamente com outras pessoas. É importante destacar que os cães podem ser considerados figuras de apego, pois há busca de proximidade, podem funcionar como porto seguro, como base segura e o afastamento gera angústia de separação (Zilcha-Mano et al., 2011). Pode-se pensar, então, que Melvin tenha ficado tão decepcionado por estar afastado do cão, o que representaria essa possível vinculação de apego entre Melvin e o cão.

Terceira Categoria

Inicialmente, diante do exposto, considera-se a possibilidade de compreensão de que Melvin apresentava um padrão de comportamento de apego evitativo, em que recusava o convívio com outras pessoas e optava pela solidão. Mas, conforme discutido anteriormente, o cão possivelmente se tornou uma figura vinculável, com a qual o protagonista desenvolve algum tipo de afeto, ou pelo menos é possível se identificar essa possibilidade, por meio desses novos comportamentos. A partir dessa compreensão, é possível se pensar que ele tenha exercitado/aprendido uma nova forma de se relacionar, ou pelo menos um pouco diferente das relações que vinha estabelecendo até então e que poderia ser expandida para outras relações. Refletindo acerca da relação entre o protagonista e o cão, pode-se pensar que o padrão comportamental de Melvin permaneceu evitativo, repleto de grosseria e hostilidade, entretanto pode-se considerar que algumas figuras parecem ter conseguido alguma vinculação afetiva diferente da inicialmente estabelecida pelo personagem: o cão, Simon e Carol.

Na Cena 13, Melvin mantém seu padrão comportamental possivelmente evitativo com a empregada doméstica de Simon, com a qual é extremamente grosseiro, mas aceita prontamente passear com o cão, já apontando uma mudança comportamental em comparação com as cenas da primeira categoria. Em seguida, na Cena 14, ele entra no apartamento de Simon, comportamento que também não havia sido realizado até então, podendo representar que o vínculo com o cão possibilitou, inclusive, que ele exercite superar algumas barreiras de relacionamento com outras pessoas para não perder esse contato. Isso porque, apesar de seguir realizando comentários sarcásticos, nesta cena ele aceita entrar no apartamento porque é necessário para pegar o cão. Pode-se realizar uma analogia com o estabelecimento de um padrão de apego seguro, em que as crianças se sentem encorajadas a explorar o ambiente, pois sabem que o seu cuidador é uma base segura para a qual retornar (Dalbem & Dell’Aglío, 2015). Uma das possíveis compreensões para esse comportamento é que o cão esteja funcionando como uma forma de representação de uma base segura para que Melvin se encoraje a explorar novos territórios.

Ainda na Cena 14, pode-se identificar que o cão se afeiçãoou a Melvin, preferindo-o inclusive ao seu tutor original. Pode-se perceber isso quando realizado o teste de ambos o chamarem, mas Simon estar segurando o bacon, mesmo assim ele fica com Melvin, podendo demonstrar que alguma vinculação está possivelmente sendo vivenciada e que ela vai além dos petiscos, provavelmente sendo derivada da existência de algum afeto. A convivência entre humanos e cães é permeada por uma vinculação afetiva, em que há apego e auxílio mútuo, desde os primórdios da domesticação desses animais, que se iniciou há mais de 15 mil anos em que os animais eram instrumento de caça, mas também havia auxílio cooperativo e vinculação (Cabral & Savalli, 2020). Destaca-se, ainda, sobre essa cena, que Melvin aparentemente se preocupa com o estado psicológico de Simon e tenta, à sua maneira, fornecer algum insumo para sua melhora, o que é outro indicativo de mudança comportamental com esse vizinho.

A Cena 15 possibilita uma compreensão sobre o vínculo entre Melvin e o cão, pois o protagonista demonstra grande preocupação com a saúde física do animal e com o que pode acontecer, tendo inclusive chamado Frank, de quem ele assumidamente não gosta, para discutir a saúde do cão. Pesquisas demonstram que tutores com apego ansioso temem que algo de ruim aconteça ao seu animal (Zilcha-Mano et al., 2011). Como não houve outro momento em que o protagonista se preocupasse com qualquer outra pessoa, pode-se pensar que a distância física, já que o cão voltou a conviver com seu tutor original, esteja despertando, em Melvin, um sentimento de maior ansiedade em relação a essa figura com algum caráter positivo de apego.

É possível identificar que até então isso acontece somente com o cão, já que ainda nessa cena, Melvin segue grosseiro e evitativo com Frank, demonstrando não apreciar a sua presença e não desejar fortalecer qualquer vínculo com ele. Por outro lado, nesta cena ele apresenta alguma atitude mais respeitosa com Simon, uma vez que Frank afirma que Melvin foi visitá-lo novamente, desta vez levando sopa, e com Carol, que ele auxilia e aparenta desejar aproximar-se. O protagonista recebe o agradecimento dela, por haver ajudado a conseguir um médico para o seu filho, que adoecia constantemente, ocasionando afastamentos do trabalho e, possivelmente demonstrando algum desejo de ampliar a convivência com ela, convida-a a viajarem juntos. É especialmente importante destacar que os idosos referem carência afetiva, derivada da falta de contatos interpessoais (Gomes et al., 2017). No caso, então, pode-se pensar que Melvin esteja dando um passo na direção de minimizar tal carência, aceitando a possibilidade de melhor convivência com outras pessoas.

Além de Carol, Simon estava presente nesta viagem e na Cena 16 há uma genuína troca entre Simon e Melvin, que questiona a orientação sexual de Simon, se ele nunca se

interessou por mulher, o que poderia facilitar sua vida, podendo estar preocupado com a qualidade de vida do vizinho. Ao ouvir a resposta de Simon: “você considera sua vida fácil?” e esboçar uma reação de compreensão, é possível pensar que esse momento tenha representado uma troca verdadeira entre ambos, talvez até empática. Ele consegue inclusive elogiar a organização da mala de Simon, aspecto fundamental na vida do protagonista, na qual não há espaço para desordem e tudo possui um local e destinação corretos. Essa troca, apesar de não ser possível afirmar que seja um vínculo efetivo, é uma notável alteração comportamental para o protagonista, que mal tolerava estar no mesmo ambiente que Simon antes de conviver com o cão. Os relacionamentos de amizade são importantes nesta fase do ciclo vital (em que Melvin se encontra), propiciando reciprocidade e não-estresse (Bee, 1997). É, então, fator incrementador de sua qualidade de vida a possibilidade de construir amizades neste ponto de sua vida.

A existência dessa amizade é uma compreensão ainda mais alicerçada a partir das cenas 17 e 18, em que Melvin recebe, com bastante alegria, Simon como hóspede em sua casa e ambos convivem harmoniosamente entre si e com o cão. Simon chega a afirmar que ama Melvin, que responde a Simon que se sinta em casa. Justamente ele, que não aceitava receber ninguém em seu apartamento. E a vinculação com o cão chegou a um grau que possibilita a Melvin sentir-se tranquilo e deitar-se na cama ao lado do animal. Pode-se presumir que haja, assim, uma vinculação afetiva entre Melvin e o cão e, até, entre Melvin e Simon. Porque esse comportamento de ligação apenas ocorre com alguns indivíduos, preferidos, dos quais o indivíduo busca se aproximar e evita o afastamento (Bowlby, 1997).

Outro importante vínculo, possivelmente construído, é entre Melvin e Carol. Na Cena 19, o protagonista vai até a casa dela e se declara apaixonado, desejando um envolvimento romântico. A vivência afetiva dos idosos é importante para avaliação da sua qualidade de vida (Mantovani et al. 2016) e há que se destacar que preconceito em razão da idade, o idadismo, leva à representação de que idosos não devem se envolver amorosamente (Castro, 2016). É, então, um aspecto importante, para a melhoria da vida de Melvin, que ele possua um saudável relacionamento amoroso, possivelmente aumentando sua sensação de bem-estar. E uma possibilidade de compreensão é que esse relacionamento pode ter se desenvolvido a partir da interferência da relação estabelecida, inicialmente, com o cão. Pode-se pensar que, apesar dos comportamentos inicialmente apresentados por Melvin, provavelmente evitativos, ele tenha a possibilidade de desenvolver novos relacionamentos, com novos padrões de apego. Isso porque experiências diferentes propiciam alterações nas novas relações de apego construídas, possibilitando, inclusive, que uma pessoa com padrão evitativo de apego tenha alguns relacionamentos permeados por um padrão mais seguro de

apego (Consoli et al. 2018). Não se pode afirmar que o padrão de apego ou até comportamental de apego do protagonista tenha sido modificado, mas é possível que ele esteja experimentando novas formas de se relacionar, ampliando seu repertório afetivo.

Quanto ao cão, sabe-se que idosos que convivem com cães apresentam menos depressão, além de beneficiarem social e psicologicamente, reduzindo a carência afetiva (Garrity et al., 1989; Fukushima et al., 2016). Também os cães tendem a favorecer a desinibição social de idosos (Fernandes, 2018). Sendo assim, uma das compreensões possíveis é de que Melvin, ao se vincular afetivamente ao cão, pode ter reduzido sua carência afetiva e tentado aprimorar seu repertório social, aumentando seu bem-estar e qualidade de vida o que, por sua vez, pode ter sido um facilitador para uma possibilidade de início de uma vinculação afetiva mais próxima com Carol e Simon.

Essa discussão possibilitou, assim, o alcance das expectativas referentes ao objetivo geral deste estudo, que é identificar possíveis contribuições da teoria do apego sobre as relações entre idosos e animais de estimação. A relação entre Melvin e o cão pode ser uma ilustração de que é possível que a figura do animal seja uma com a qual é possível estabelecer um vínculo afetivo e que este vínculo pode ser propulsor de mais saúde e bem-estar aos idosos, podendo impactar fortemente em sua qualidade de vida geral. E, ainda, discutiu-se a possibilidade de ampliação dos vínculos, a partir da importante relação construída entre os dois: idoso e cão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de identificar possíveis contribuições da teoria do apego sobre as relações entre idosos e animais de estimação. Para tanto, considerou-se importante caracterizar a etapa de vida da velhice, enquanto fase do desenvolvimento humano, apresentar aspectos fundamentais sobre a Teoria do Apego de Bowlby e descrever questões relevantes acerca da relação entre humanos e animais de estimação.

Para favorecer a possibilidade de alcance de tal objetivo, foram pesquisados autores clássicos sobre temas relacionados ao desenvolvimento humano e à teoria do apego, nesta última, principalmente John Bowlby. Além disso, foram compilados artigos recentes sobre o envelhecimento humano, considerando as atuais características da sociedade humana, e sobre as relações entre humanos e animais de estimação. Estes animais, como demonstra a teoria, podem ser figuras vinculáveis, possuindo os quatro aspectos que definem uma relação de apego: busca de proximidade, porto seguro, base seguro e angústia de separação.

Enquanto figuras vinculáveis, com as quais podem ser desenvolvidas relações de apego, os animais de estimação proporcionam diversos benefícios aos seus tutores, tendendo a ampliar sua qualidade de vida e percepção de saúde. Entretanto, há riscos no relacionamento especificamente entre animais e idosos, pois estes sofrem risco de quedas e outros acidentes em função do animal, além de sofrerem uma grande perda quando ocorre o luto em função da morte ou perda do animal.

Para que o objetivo proposto fosse mais concretamente discutido, foi utilizado como artefato cultural o filme *“Melhor é Impossível”* (Brooks, 1997), em que o escritor Melvin Udall, um idoso mal-humorado e solitário, é forçosamente obrigado a conviver com o cão de seu vizinho. Essa convivência possibilita que o idoso vivencie uma nova forma de relacionamento, possivelmente vinculando-se afetivamente ao cão. Após essa experiência, Melvin passa a desenvolver novos comportamentos interpessoais, conseguindo inclusive experimentar uma amizade com seu vizinho Simon e a possibilidade de um romance com a garçonete Carol.

Apesar de haver riqueza teórica sobre o apego entre humanos e animais de estimação, existindo inclusive instrumento próprio sobre tal temática, ainda há poucos estudos realizados no Brasil com o público idoso sobre o tema. Sugere-se, então, que mais pesquisas sobre essa vinculação sejam realizadas, a fim de compreender essa relação, que pode expandir a qualidade de vida e os vínculos dos idosos, em uma fase caracterizada por uma carência afetiva derivada das inúmeras perdas existentes na velhice.

Além deste, que era o objeto de estudo neste momento, percebe-se relevante estudar o vínculo afetivo entre humanos e animais de estimação ao longo de todo o ciclo vital, pois as relações de apego, cujo sistema é desenvolvido na infância, podem ser favorecidas com o convívio com animais em todas as faixas etárias. Sendo o Brasil um país com grande população pet, supõe-se que, após a pandemia da COVID-19, ainda mais domicílios tenham animais de estimação como forma de companhia, possibilitando mais profundos estudos sobre essa temática.

Considera-se que o objetivo proposto foi atingido e muito foi aprendido sobre a temática de relações de apego entre idosos e animais de estimação. O conhecimento sobre essa importante vinculação foi ampliado e novas possibilidades de estudo foram desenvolvidas, com riqueza de material e curiosidade aguçada. É notório o papel do profissional da psicologia enquanto estudioso da natureza humana, devendo considerar a importância da vinculação afetiva entre idosos e animais de estimação.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, N., Guo, K., Wilkinson, A., Savalli, C., Otta, E., & Mills, D. (2016). Dogs recognize dog and human emotions. *Biology Letters*, 12(1), 20150883. doi: 10.1098/rsbl.2015.0883
- Alencar, N. de A., Aragão, J. C. B., Ferreira, M. de A., & Dantas, E. H. M.. (2010). Avaliação da qualidade de vida em idosas residentes em ambientes urbano e rural. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(1), 103-109. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000100011>
- Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (2020). *Informações gerais do setor Pet*. Recuperado em 09 de maio de 2021, de http://abinpet.org.br/infos_gerais/#:~:text=S%C3%A3o%2054%2C2%20milh%C3%B5es%20de,nosso%20setor%20na%20economia%20brasileira.
- Bee, H. (1997). *O Ciclo Vital*. Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1990) *Apego e Perda*. (2. Ed., v. 01). São Paulo: Martins Fontes, 496 p.
- Bowlby, J. (1997) *Formação e rompimento dos laços afetivos*. (3. Ed.). São Paulo: Martins Fontes, 228 p.
- Brooks, J. L. (Produtor/Diretor). (1997). *Melhor é Impossível* [Filme]. Estados Unidos: Gracie Films.
- Brum, E. H. M. de, & Schermann, L. (2004). Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9 (2). <https://doi.org/10.1590/S1413-81232004000200021>
- Cabral, F. G. de S., & Savalli, C. (2020). Sobre a relação humano-cão. *Psicologia USP*, 31, e190109. Epub March 20, 2020. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190109>
- Casadore, M. M., & Hashimoto, F.. (2012). Reflexões sobre o estabelecimento de vínculos afetivos interpessoais na atualidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 12(1-2), 177-204. Recuperado em 08 de maio de 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000100007&lng=pt&tlng=pt.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000100007&lng=pt&tlng=pt)
- Castro, G. G. S. (2016). O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia* (31), 79-91. <https://doi.org/10.1590/1982-25542016120675>
- Cavalcanti, K. F., Mendes, J. M. C., Freitas, F. F. Q., Martins, K. P., Lima, R. J. de, & Macêdo, P. K. G. (2016). O olhar da pessoa idosa sobre a solidão. *Avances en Enfermería*, 34(3), 259-267. <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v34n3.60248>

- Chijiwa, H., Kuroshima, H., Hori, Y., Anderson, J. R., & Fujita, K. (2015). Dogs avoid people who behave negatively to their owner: third-party affective evaluation. *Animal Behaviour*, 106, 123-127. doi: 10.1016/j.anbehav.2015.05.018
- Clementino, M. D., & Goulart, R. M. M. (2019). Body image, nutritional status and quality of life in long-lived older adults. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 22(6), e190181. Epub May 15, 2020. <https://dx.doi.org/10.1590/1981-22562019022.190181>
- Colussi, E. L., Kuyawa, A., Marchi, A. C. B. de, & Pichler, N. A.. (2019). Percepções de idosos sobre envelhecimento e violência nas relações intrafamiliares. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 22(4), e190034. Epub October 24, 2019. <https://dx.doi.org/10.1590/1981-22562019022.190034>
- Consoli, N., Bernardes, J. W. & Marin, A. H. (2018). Laços de afeto: as repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(2), 315-329. doi: <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5409>
- Corrêa, C. B.. (2005). O Afeto no tempo. *Estudos de Psicanálise*, (28), 61-67. Recuperado em 04 de maio de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372005000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Costa, E. C. (2006). *Animais de estimação: uma abordagem psicossociológica da concepção dos idosos*. 195f. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Fortaleza, Ceará, Brasil.
- Costa, E. C., Jorge, M. S. B., Saraiva, E. R. de A., & Coutinho, M. da P. de L. (2009). Aspectos psicossociais da convivência de idosas com animais de estimação: uma interação social alternativa. *Psicologia: teoria e prática*, 11(3), 2-15. Acesso em 29 de março de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000300002&lng=pt&tlng=pt.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D.. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24. Acesso em 08 de setembro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Deslandes, S. F. (1993). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In Minayo, M. C. de S. (org.), *Pesquisa Social Teoria, método e criatividade* (pp. 33-62). Petrópolis: Vozes.

- Duarte, C. V., & Melo-Silva, L. L. (2009). Expectativas diante da aposentadoria: um estudo de acompanhamento em momento de transição. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 45-54. Recuperado em 08 de maio de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Fabrício, S. C. C., Rodrigues, R. A. P., & Costa Junior, M. L. da. (2004). Causas e conseqüências de quedas de idosos atendidos em hospital público. *Revista de Saúde Pública*, 38(1), 93-99. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102004000100013>
- Fernandes, J. B. do P., Peixoto Junior, C. A. (2021). Apego e comunicação: considerando o desenvolvimento infantil sob a ótica da etologia e da psicanálise. *Psicologia USP*, 32. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190144>
- Fernandes, M. A. G. (2018). *Ligação Humano-Animal na População Idosa: Uma Revisão Sistemática da Literatura*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Fontoura, D. dos S., Doll, J., & Oliveira, S. N. de. (2015). O Desafio de Aposentar-se no Mundo Contemporâneo. *Educação & Realidade*, 40(1), 53-79. <https://doi.org/10.1590/2175-623645774>
- Fukushima, R. L. M., Vicente, A. L., Fuzaro Júnior, G., Machado, M. R. C. & Costa, J. L. R. (2016). Outras Possibilidades para a Aposentadoria. Em Costa, J. L. R., Costa, A. M. M. R., & Fuzaro Junior, G., orgs. *O que vamos fazer depois do trabalho? Reflexões sobre a preparação para aposentadoria* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, 153 p. ISBN 978-85-7983-763-0. doi: 10.7476/9788579837630.
- Garrity, T. F., Stallones, L., Marx, M. B., & Johnson, T. P. (1989). Pet Ownership and Attachment as Supportive Factors in the Health of the Elderly. *Anthrozoos*, 3(1). DOI:10.2752/089279390787057829
- Gomes, F. R. H., Vagetti, G. C., & Oliveira, V. de. (2017). *Envelhecimento humano: cognição, qualidade de vida e atividade física*. Appris.
- Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (7ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (2018). *Como elaborar projetos de pesquisa* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Giumelli, R. D., & Santos, M. C. P.. (2016). Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 22(1), 49-58. Recuperado em 03 de abril de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100007&lng=pt&tlng=pt.

- Hall, N. J., Liu, J., Kertes, D. A., & Wynne, C. D. L. (2016). Behavioral and Self-report Measures Influencing Children's Reported Attachment to Their Dog. *Anthrozoos*, 29(1), 137-150. doi: 10.1080/08927936.2015.1088683
- Heiden, J., & Santos, W. (2012). Benefícios psicológicos da convivência com animais de estimação para idosos. *Ágora: Revista De divulgação científica*, 16(2esp.), p. 487-496. <https://doi.org/10.24302/agora.v16i2esp>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Pesquisa nacional de saúde 2019: acesso e utilização dos serviços de saúde: Brasil, grandes regiões e unidades da federação*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2016). *Brasil Uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE. Recuperado em 12 de junho de 2021, de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97884.pdf>.
- Kis, A., Hernádi, A., Miklósi, B., Kanizsár, O., & Topál, J. (2017). The Way Dogs (Canis familiaris) Look at Human Emotional Faces Is Modulated by Oxytocin. An Eye-Tracking Study. *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, 11: 210. <https://doi.org/10.3389/fnbeh.2017.00210>
- Laplanche, Jean & Pontalis, Jean-Bertrand. (2004). *Vocabulário de Psicanálise* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. (H. Monteiro & F. Settineri, trads.). Porto Alegre: Artes Médicas/Belo Horizonte: Editora da UFMG. (Trabalho original publicado em 1997).
- Machado, J. G. O., Campos, C. G. de O., & Rabelo, D. F. (2013). Treino de habilidades sociais em idosos institucionalizados. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 4(2), 258-265. Recuperado em 27 de setembro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072013000200009&lng=pt&tlng=pt.
- Mantovani, E. P., Lucca, S. R. de, & Neri, A. L. (2016). Associações entre significados de velhice e bem-estar subjetivo indicado por satisfação em idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(2), 203-222. <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150041>
- Marsa-Sambola, F., Muldoon, J., Williams, J. M., Lawrence, A., Connor, M., & Currie, C. (2015). The Short Attachment to Pets Scale (SAPS) for Children and Young People: Development, Psychometric Qualities and Demographic and Health Associations. *Child Indicators Research*, 9(1). DOI:10.1007/s12187-015-9303-9

- Martins, M. de F., Pieruzzi, P. A. P., Santos, J. P. F., Brunetto, M., Fruchi, V. M., Ciari, M. B., et al. (2014). Grau de apego dos proprietários com os animais de companhia segundo a Escala Lexington Attachment to Pets. *Brazilian journal of veterinary research and animal science*, 50(5), 364-369. DOI:10.11606/issn.2318-3659.v50i5p364-369
- Menezes, A. P. de. (2007). Para pensar o afeto. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 10(2), 231-254. <https://doi.org/10.1590/1415-47142007002004>
- Miranda, M. I. L. A. R. (2010) *A importância do vínculo para os donos de cães e gatos nas famílias portuguesas*. 33 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina Veterinária) – Faculdade de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, 2010.
- Nahas, F. X., & Ferreira, L. M.. (2005). Análise dos itens de um trabalho científico. *Acta Cirúrgica Brasileira*, 20(Suppl. 2), 13-16. <https://doi.org/10.1590/S0102-86502005000800004>
- Navarro, J. H. do N., Andrade, F. P., Paiva, T. S., Silva, D. O. da, Gessinger, C. F., & Bós, A. J. G.. (2015). Percepção dos idosos jovens e longevos gaúchos quanto aos espaços públicos em que vivem. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(2), 461-470. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015202.03712014>
- Neder, K., Ferreira, L. D. M. P., & Amorim, K. de S. (2020). Coconstrução do apego no primeiro semestre de vida: o papel do outro nessa constituição. *Psicologia USP*, 31. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190143>
- Oliveira, É. A. de, Pasian, S. R., & Jacquemin, A. (2001). A vivência afetiva em idosos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(1), 68-83. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000100008>
- Pacheco-Ferreira, A. (2012). Therapeutic Profit by Companion Animals Employment in Health Care of Older People. *Revista Gerencia y Políticas de Salud*, 11(22), 58-66. Acesso em 29 de março de 2021, de http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-70272012000100005&lng=en&tlng=en.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Artmed.
- Ramires, V. R. R., & Schneider, M. S.. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 25-33. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100004>
- Ramírez, M. T. G., Berumen, L. del C. Q., & Hernández, R. L. (2014). Psychometric Properties of the Lexington Attachment to Pets Scale: Mexican Version (LAPS-M). *Antozoos*, 27(3), 351-359. DOI: 10.2752/175303714X13903827487926

- Richardson, R.J. (2017). *Pesquisa social: métodos e técnicas* (4ª ed.). São Paulo: Atlas
- Schneider, M. (1994). *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. São Paulo: Escuta.
- Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q.. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 25(4), 585-593. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>
- Silva, B. R. da, & Finocchio, A. L. (2011). A velhice como marca da atualidade: uma visão psicanalítica. *Vínculo*, 8(2), 23-30. Recuperado em 08 de maio de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902011000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Silveira, M. M. da, & Portuguese, M. W.. (2019). Efeitos do Uso do Computador na Cognição, Estado Emocional, Qualidade de Vida e Habilidade Manual de Idosos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3522. Epub July 18, 2019. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3522>
- Tavares, R. E., Jesus, M. C. P. de, Machado, D. R., Braga, V. A. S., Tocantins, F. R., & Merighi, M. A. B. (2017). Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(6), 878-889. <https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.170091>
- Teixeira, C. de L., & Tavares, G. M. (2020). Corpo de Afetos: entre o apego emocional e o movimento dançado. *Fractl: Revista de Psicologia*, 32 (1). <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5741>
- Törnqvist, H., Somppi, S., Kujala, M. V., & Vainio, O. (2020). Observing animals and humans: dogs target their gaze to the biological information in natural scenes. *Peer J* 8: e10341. <https://doi.org/10.7717/peerj.10341>
- Tousseul, S.. (2012). O afeto e a reflexão. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 15(2), 233-244. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982012000200002>
- Verderane, M. P., & Izar, P. (2019). Estilos de cuidado materno em primatas: considerações a partir de uma espécie do Novo Mundo. *Psicologia USP*, 30. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190055>
- Vieira, M. N. F.. (2019). Quando morre o animal de estimação: um estudo sobre luto. *Psicologia em Revista*, 25(1), 239-257. <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p239-257>
- Vilela, A. B., Carvalho, P. A. L. de, & Araújo, R. T. de (2006). Envelhecimento bem-sucedido: representação de idosos. *Saúde.Com*, 2(2), 101-114. Recuperado em 25 de abril de 2021, de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/75>

- Wallis, L. J., Range, F., Müller, C. A., Serisier, S., Huber, L., & Virányi, Z. (2015). Training for eye contact modulates gaze following in dogs. *Animal Behaviour*, 106, 27-35. doi: 10.1016/j.anbehav.2015.04.020
- Winograd, M., & Teixeira, L. C. (2011). Afeto e adoecimento do corpo: considerações psicanalíticas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 14 (2). doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982011000200001>
- Zilcha-Mano, S., Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2011). An attachment perspective on human–pet relationships: Conceptualization and assessment of pet attachment orientations. *Journal of Research in Personality*, 45(4), 345-357. DOI:10.1016/j.jrp.2011.04.001
- Zimmerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.